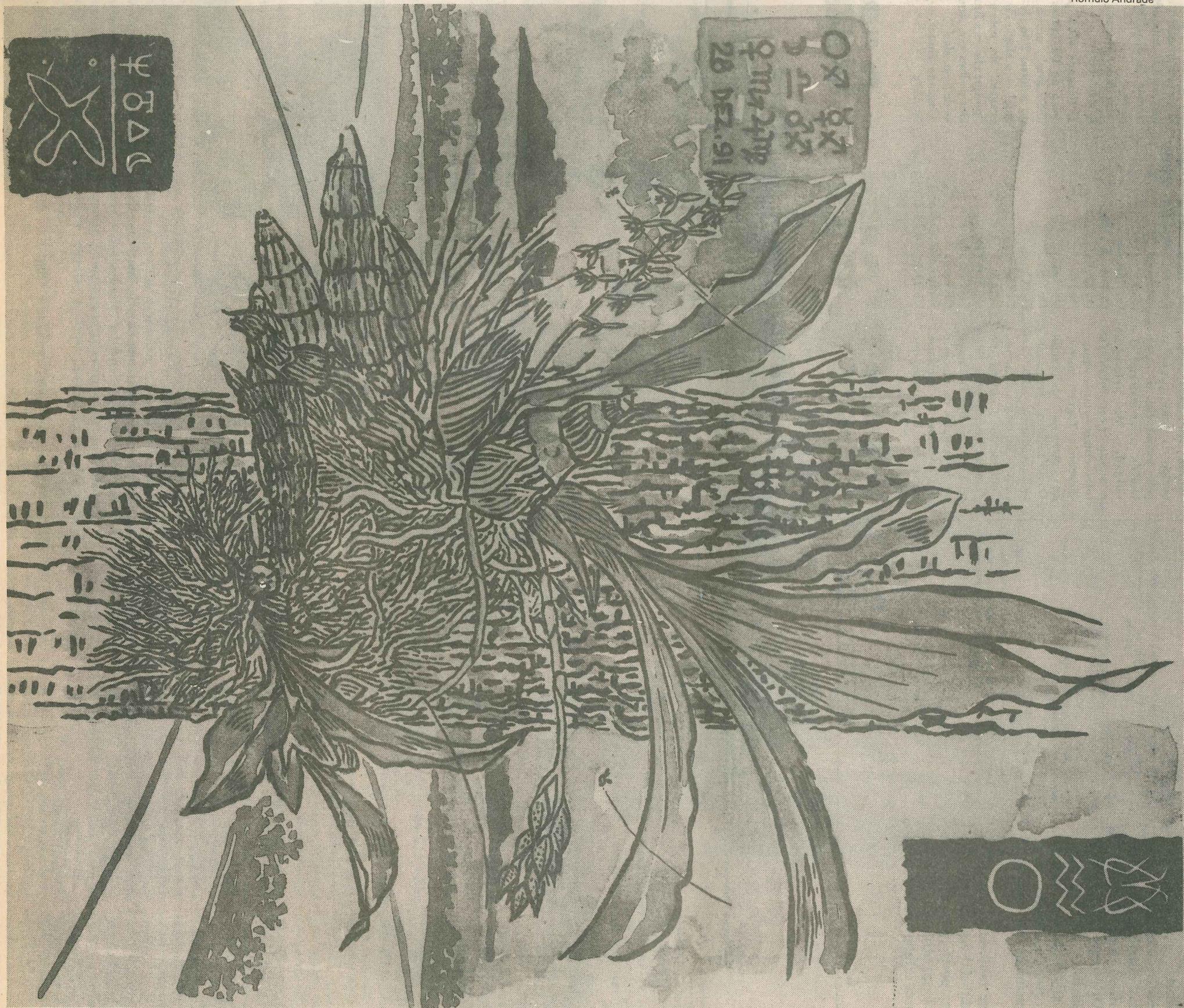


L · E · T · R · A · S

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano I nº 3 janeiro de 1993



# Nota da editoria

téglia editorial da publicação.

Mais uma vez agradecemos a nossos colaboradores pela cessão gratuita de textos e ilustrações.

ATO DO PRESIDENTE Nº 1.222, DE 1.992.

O Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal, no uso de suas atribuições regimentais e nos termos da Resolução nº 086/92,

RESOLVE:

1 — DESIGNAR Comissão com a finalidade de estudar a Regulamentação do Suplemento Cultural da Câmara Legislativa do Distrito Federal, constituída dos seguintes servidores, sob a Presidência do primeiro:

PAULO BERTRAN WIRTH CHABUB

FERNANDO TEIXERA STORNI

NELSON DE SOUZA PANTOJA

SÉRVULIO TADEU BROCHADO COSTA

MARIA FELIX FONTENELE

CLÁUDIO MAYA MONTEIRO

2 — Fins os estudos de Regulamentação os mesmos membros consiglião o Conselho de Edição do Suplemento Cultural, que também se encarregará da organização do Arquivo Literário e do Núcleo de Pinacoteca da Câmara.

Brasília, 29 de Dezembro de 1.992

Deputado SALVANO GUIMARÃES

Presidente

DF-LETAS, neste seu terceiro número, vem definindo melhor suas seções editoriais, com espaços para cartas dos leitores, para a galeria de apresentação dos ilustradores, e para a resenha dos livros que chegam à redação.

Neste terceiro mês de existência temos compiladas cerca de 1.500 assinaturas individuais em todo o país, além das distribuições institucionais, cobrindo todas as escolas públicas do DF, todas as representações diplomáticas de Brasília, alguns setores da administração federal, além de diversas instituições culturais e educacionais do estado de Goiás.

Encontra-se também designado o Conselho Editorial interno de DF-LETAS, composto por assessores da Câmara Legislativa, o qual nos próximos meses estabelecerá a estrat

## CARTAS

## CARTAS

## CARTAS

DF-LETAS acusa o recebimento das seguintes cartas e agradece ao incentivo dos missivistas:

... Com tal empreendimento, a nossa capital ganha valiosa contribuição no campo da cultura, não só pelo jornal em si, como também pelas matérias divulgadas, de primeira grandeza e com rubricas e intelectuais renomados...

(Academia Taguatinguense de Letras — Idelbrando David de Souza, Presidente — Taguatinga — DF.)

... A idéia de publicar um Suplemento Cultural no Planalto Central e em Brasília é luminosa. Tratando-se de assuntos da região e universal... Faço votos que

(Marco Mamede Diniz, Brasília-DF)

... Fazendo votos pelo sucesso do DF-Letras (ele é necessário!), acabo de ler no caderno 2 do JB — imágine! — o elogio da malanagem, do caçafestismo, porque cheia a Brasil!

Desejo-lhes um Ano Novo — de 5 estrelas!

(Cassiano Nunes — Brasília, DF)

DF-LETAS prossiga com as características que revela nos seus primeiros números. Com contribuições importantes para a cultura e a história do Planalto Central, de Brasília e do Brasil em geral.. (Prof. Carlos Francisco Moura — Rio de Janeiro, RJ.)

Saiu Da Câmara Do Povo da Câmara Da Câmara Do Povo

Do DF Das Gerais

Do Guimarães De Elís

Do Verbo Da Fina Flor

Do Cerrado Do Círculo

Suplemento Cultural Do Diário da Câmara Le-

gislativa Do DF Saúdol (José Rangel, poeta, Brasília, DF)

... Essa foi, sem sombra de dúvida, a melhor notícia, da literatura brasiliense; uma verdadeira catapulta em termos de divulgação literária...

(Marco Mamede Diniz, Brasília-DF)

... Fazendo votos pelo sucesso do DF-Letras (ele é necessário!), acabo de ler no caderno 2 do JB — imágine! — o elogio da malanagem, do caçafestismo, porque cheia a Brasil!

Desejo-lhes um Ano Novo — de 5 estrelas!

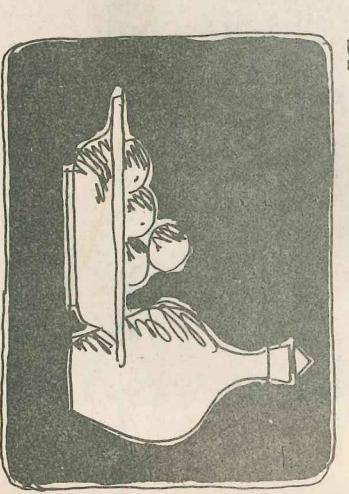
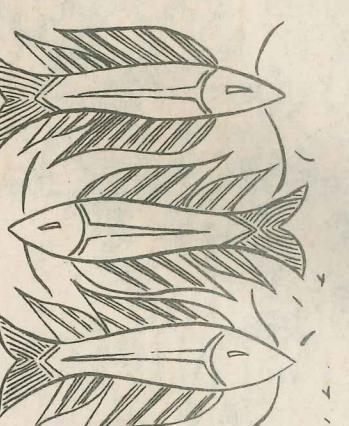
(Cassiano Nunes — Brasília, DF)

## GALERIA

## GALERIA

## GALERIA

### Ilustrações desta edição



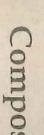
Rômulo Andrade — Artista plástico e ilustrador, Rômulo Andrade é um artista jovial, impressionando pela densidade, lirismo e profundidade dos temas ambientais de seus trabalhos. Rômulo reside em zona rural, próximo a Brasília.

Endereço do Autor: Colina, Bloco "A", Aptº 22 DF 70.910 — Campus da UnB — Brasília, DF



Rômulo Andrade — Artista plástico e ilustrador, Rômulo Andrade é um artista jovial, impressionando pela densidade, lirismo e profundidade dos temas ambientais de seus trabalhos. Rômulo reside em zona rural, próximo a Brasília.

Endereço para contato: (061) 321.24.31



Mesa Diretora • Comissões Técnicas

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

• As colaborações para DF LETRAS são solicitadas pela coordenação do Suplemento. As contribuições expositivas podem ser apreciadas desde que não excedam 400 linhas. Não devolvemos os originais.

L . E . T . r . a . s

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

L . E . T . r . a . s

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

L . E . T . r . a . s

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

L . E . T . r . a . s

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

L . E . T . r . a . s

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

L . E . T . r . a . s

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

L . E . T . r . a . s

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

L . E . T . r . a . s

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

L . E . T . r . a . s

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

L . E . T . r . a . s

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

L . E . T . r . a . s

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

L . E . T . r . a . s

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

L . E . T . r . a . s

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

L . E . T . r . a . s

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

L . E . T . r . a . s

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria-Tereza Cristina A. Lima  
Endereço para Correspondência e Assinaturas:  
DF LETRAS — Diário da Câmara Legislativa  
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25  
SAIN — Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília-DF tel. (061) 347.5128 e 347.4626  
Ramal 226.

L . E . T . r . a . s

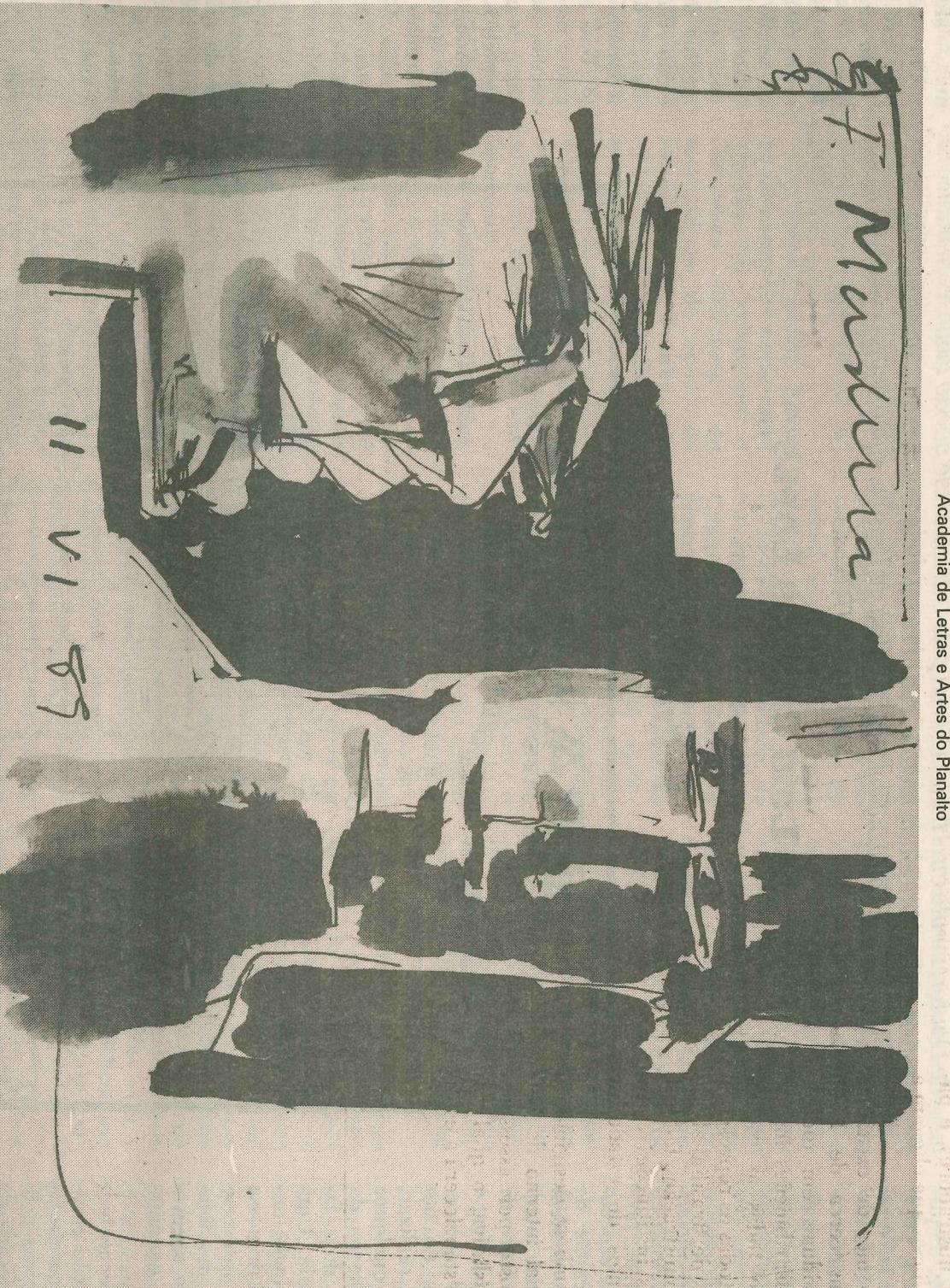
Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

# O Velho Cruzeiro

No presente conto, Antonio Pimentel resgata fato verídico, acontecido na década de 40 nas vizinhanças do Distrito Federal.

**ANTONIO PIMENTEL**

Academia de Letras e Artes do Planalto



— Nós não matamos a nossa

mae, quando a pregamos na cruz!

— Nós apenas, demos fim do demônio que tava nela.

Com este desabafo, e sem perder ao longe o velho cruzeiro, onde, por diversas vezes, servira lamurias para as suas

crenças sadias, o velho Livino, a contragosto, rememorava, com uma dor no peito e com uma saudade dandinha, todos os seus

e todas aquelas cenas.

O Velho somente sentia raiva quando alguém mencionava aquelas passagens, porque aquilo manchava toda a sua família, empobreceu todos, houve muita prisão, muita judiação. Depois, não existiu pecado em nada da aquilo. O preto velho Simão, curandero e feiticeiro de fama em todo o sertão da Bahia e de Goiás, não iria mandar fazer alguma coisa que fosse pecado. Ele era muito puro, muito santo, ele falava, todas as noites, com o seu guia.

Dos que participaram dos trabalhos, com a hospedeira do demônio, já existem poucos, uns morreram e outros desbandaram para bem longe, numa fuga sem

fim.

— São uns covardes, dizia sempre o seu Livino.

— Num foi pecado não! Foi até bonito. Nós tava todos ao pé do cruzeiro, e ela erguida na cruz com o capeta debatendo para não sair do corpo dela.

— Você sabe, capeta não gosta de cruz!

De há muito, vinha aquela velha, mae de 15 filhos, sentindo fraqueza em sua cabeça. Já não era mais disposta ao trabalho, ao zelo para com os filhos, com o marido. Não mais tinha prazer em prosear com a família, ao pé do frondoso abacateiro. Vivia amuada, ora na cozinha, ora no quarto, sempre resmungando, falando palavras sem sentido, tendo prazer nas malvadezas dos outros. Diziam muitos, que tudo aquilo era produto de resguardo mau curado. Que nada! A mãe dela teve bem mais filhos e morreu — sadia, arrumou até a casa no dia da morte. Aquilo era obra de espírito mau, do româzinho.

— Remédio de loja nada vai leu e nem podia servir. Pois somente reza forte ou despacho

é que espanta espírito mau!

Ninguém, em toda a redondeza, tinha na lembrança de como o velho Simão aportou por estas bandas. Se foi fuga ou determinação de seu protetor espiritual. Sabiam, apenas, que às sextas-feiras de cada mês todos eles dedicados aos seus ser-

viços, às suas orações.

— Vinha gente de muito longe para falar com ele, para receber sua benção. A minha vontade era ser igual ao Velho! Para poder fazer o bem ao povo.

Divagando um pouco, mas sem apartar das vistas o velho cruzeiro, seu Livino gabava da beleza que era o recanto — onde morava o velho Simão. Da beleza de seu pomar, de suas laranjeiras, jabuticabeiras de folhas largas, das mangueiras. Tudo limpinho. Varrido até.

Mas hoje desprezado, abandonado. Nem boi brabo gosta daquele lugar.

— O povo não presta não, meu filho!

— Por onde andará ele hoje?

O seu Livino só perdia a tranquilidade, nestes momentos.

tos, quando sua única filha grudava lá dentro, batendo com uma velha mão de pilão em tudo que estivesse em sua frente e ao seu redor. Do mesmo modo que a sua avó. Só que ela nunca teve filhos. Seria falta de homem? Não! Isto é arrumação de espírito mau.

— Por onde andará o velho Simão?

Aquela situação de penúria e de aflição já incomodava, por demais, o seu Livino. Seus amigos já não mais vinham com frequência em sua casa. Tinham medo que alguma desgraça pudesse acontecer com eles. A sua vontade maior era de conseguir companheiros para ajudá-lo na pregação da filha no cruzeiro,

pois somente assim, daria fim no demônio que voltara a atentar a sua casa. Mas ninguém concordava com este tipo de empreitada. Tinham medo de novas prisões, novas judiações. Nem eles topavam em auxiliá-lo nesta tarefa.

— Ah, meus quarenta anos!

Com esta idade, eu mesmo fazia o serviço sozinho. Não precisava de covarde nenhum. Eles é

porque não sabem o que é ter o demônio em casa!

— Infeliz, praga do inferno, grunia a filha do seu Livino, você me deu remédio brabo para eu dormir, para poder me amarrar e pregar nesta cruz. Eu não sou sua mãe, seu demônio, seu escomungado.

Depois de bem pregada, iniciava seu Livino, a seu modo, o ritual de forma idêntica a usada em sua mãe pelo velho Simão. Com a mão de pilão, já afiada aos estragos da casa, aplicava porretadas em toda as partes do corpo da filha, de forma violenta, não dando margem nem humana a que o espírito mau pudesse permanecer em seu lar.

Quando do último suspiro de sua filha ou da fuga do demônio, seu Livino, com a alma contrita e com algum sorriso nos lábios, dizia:

— Foi só pra tirar o capeta de você filha. Num é pecado não!

\*ANTONIO PIMENTEL é advogado e escritor, consultor do Governo do Distrito Federal Acadêmico. Endereço para correspondência: SOS 403 Bloco G, Aptº 202, 70237 — Brasília — DF.



rista, romântico ou neoclássico, ele o modernismo não designa nenhum objeto passível de descrição por si mesmo; carece completamente de qualquer conteúdo positivo.”(12)

tanto ou quanto ortodoxo de Anderson, as suas críticas à proposta de Berman têm elementos que devem ser considerados com seriedade. Pensamos que o ponto mais fraco do teórico do modelo fáustico é o de desprezar a historicidade das ideologias. A leitura ou aplicação de uma mesma ideologia em situações históricas diferentes pode provocar resultados paradoxais. A história do Brasil é repleta de exemplos de reinterpretações de ideologias importadas, com resultados por vezes opostos às propostas originais.

do "moderno" brasileiro. A combinação entre o "território do mando e desmando" foi observada por Octavio Ianni (13), numa abordagem que lembra à de Berman, mas com diferenças de conotação bastante significativas:

"A construção da cidade de Brasília pretende simbolizar o Brasil Moderno, re-presenta o coroamento de uma larga história de intentos de tornar o Brasil contemporâneo do seu tempo. Uma capital nova, feita sob medida, lançada em traços audaciosos, nas proporções do século XXI; e povoadas pela mesma humanidade que se pretendia esquecer, ou exorcizar."(14)

A obra de Francisco Foot Hardman (15), ao examinar a construção da ferrovia Malleira-Mamoré, defrontou-se com o dilema da proposta de modernidade no Brasil. Indicando a contradição aparente entre o progresso tecnológico e a manutenção da barbárie da organização social, Hardman teve como uma de suas fontes de inspiração o livro de Berman, considerado por ele como um "belo e exuberante enredo".(16)

Os sujeitos de uma história caracterizada por opressões, exclusões e discriminações sociais e raciais sistemáticas não são bem precisados em Berman e em alguns de seus seguidores. Fica-se com a impressão de que a história se move por meio de muletas ideológicas. Os atores reais desaparecem e dão lugar a personagens fantasmagóricos, que não têm interesses materiais a defender. As déias substituem os homens de carne e osso que as desportaram. As suas opiniões e

crenças são mais fortes do que as suas inserções na vida material. O mundo deixa de ser cognoscível, permanecendo virado de ponta-cabeça. As diversas instâncias da história não são passíveis de interação e de compreensão racional. Todavia, as mesmas irrompem, inúmeras vezes, explicativos, criando paradoxos e apontando para a honestidade intelectual da proposta.

De ângulo similar, Silvana Santiago (17) e Lúcia Lippi Oliveira (18) criticaram o "otimismo edificante" do modernismo da época da construção de Brasília e o associaram à "questão nacional", também presente "na geopolítica, no projeto Ronدون, na ocupação da Amazônia, no projeto Calha-Norte", etc. Lúcia Lippi lembrou que:

"O caminhar da modernização fáustica no Brasil produziu a coexistência de situações muito dispares: o índio e o yuppie, o analfabeto e o pós-cloutor, a mais ousada tecnologia junto com o jegue e o carro de boi, a oitava economia do mundo e altas taxas de mortalidade infantil. Como pensar uma nação, uma unidade simbólica com situações tão heterogêneas?"(19)

Hoje, compreendem-se os efeitos das propostas modernizadoras que procuraram excluir a maioria de possibilidades de intervenção. Seria Brasília uma esfinge construída no meio de nosso imenso território, depositária dos nossos segredos contemporâneos? A sua construção simbolizaria um ensaio de nossa modernidade histórica?

na Alta Idade Média, retomava este tema. De cert modo, os desenhos do céu do purgatório e sobretudo do inferno, feitos por Dant Aligheri (1265-1321) na Divina Comédia, postularam soluções para os problemas do homem.

Mas foi no Renascimento que a proposta de uma cidad de ideal, que corrigisse os problemas das cidades e das sociedades reais, ganhou especial vigor com a Utopia (1516) de Thomas More (1478-1535) e a Cidade do Sol (1602) de Tommaso Campanella (1568-1639). A Nova Atlântida (1627) de Francis Bacon (1561-1626) perseguiu objetivos semelhantes aos de seus predecessores.(21) Nos três casos, partiu-se da realidade para a utopia e desta, para aquela. A noção de cidades ideais e o sonho utópico de organização benfeiteira da vida social, a partir da idéia transformada em doutrina, marcaram, indelevelmente, o mundo ocidental. Não se tratava mais de esperar o reino de felicidade eterna depois da morte e sim de trazer o céu para a luz da vida na Terra.

O utopismo do Renascimento foi atualizado nos séculos XVIII e XIX pelo Iluminismo e anarquistas, comunistas e socialistas pré-marxistas, na França e na Inglaterra. Engels (1820-1895), referindo-se a Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837) e Robert Owen (1771-1858), afirmou que para estes:

*"O socialismo é a expressão da verdade absoluta, da razão e da justiça, e é bastante revelá-lo para, graças à sua virtude, conquistar o mundo. E, como a verdade absoluta não está anio;*

paco, o tempo e o desenvolvimento histórico da humanidade.

A presença dos elementos utópicos no socialismo contemporâneo já era percebida, em 1929, por Karl Manheim (1893-1947). De acordo com autor, "a mentalidade socialista" tinha conseguido a "redefinição da utopia em termos de realidade", superando a hesitação liberal.(23) Todavia, "Jama aplicou o método a si mesmo nunca refreou seu próprio desejjo de ser absoluto".(24) Manheim aplicou o método à teoria e à prática em que acreditava como o cientista que primeiramente inocula a vacina em si próprio. O seu procedimento foi raro no século XX.

As origens remotas e o desenvolvimento do pensamento arquitetônico moderno já foram exaustivamente expostos e analisados. (25) Nos limites desta pesquisa, interessa a recuperação de alguns fatos e teoria sobre o mesmo problema.

Uma das fontes do urbanismo moderno, enquanto saber estatal belecido, foi a crítica dos socialistas utópicos e "científicos" cidade originária da Revolução Industrial. (26) Outra das inspirações da modernidade urbanística foi a experiência da Ringstrasse vienense da segunda metade do século passado, delimitada pela visão liberal. (27) Neste caso, a crítica à cidade tradicional não ultrapassou o paradigma burguês.

Engels foi um dos críticos mais ácidos das cidades industriais erguidas na Inglaterra do século passado. (28) A Londres que descreveu era uma cidade onde predominavam os horrores da miséria, da fome, das péssimas condições sanitárias e

ricas. Pensavam-se em soluções modelares. Seguiram-se os pressupostos da prevalência da técnica e da possível emergência de uma revolução mundial. Acreditava-se que o futuro estava do outro lado da rua e que era necessário preparar as cidades para a nova situação que se avizinhava. Os objetivos a serem perseguidos eram o de reformar os "cânceros" da vida urbana e o de produzir cidades modernas, calcadas em tudo que a tecnologia pudesse oferecer.(31) Segundo Harouel: "O urbanismo progressista é obcecado pela modernidade. A cidade do século XX deve ser dada, no seu tempo, afirmar a contemporaneidade de tudo aquilo que se traduz como avanço da técnica: a indústria, o automóvel, o avião. A estética modernista à base de racionalidade e austerdade é acompanhada pelo desprezo da cidade antiga".(32)

ta a condições de espaço e de tempo nem ao desenvolvimento histórico da humanidade, só o acaso pode decidir quando e onde essa descoberta se revelará” (22).

Hoje, podemos afirmar que o pensamento e a prática marxistas não conseguiram ser tão “científicos” e nem tão afastados das quimeras dos socialistas utópicos. Pelo contrário, o sonho de se arquitetarem sociedades perfeitas e cidades ideais permaneceu. O pensamento utópico continuou tendo influência e fazendo parte do discurso aberto e oculto dos movimentos revolucionários contemporâneos. Sua imensa influência intelectual fez com que a noção de “verdades absolutas” invadisse vários domínios do saber e que se pretendesse “melhorar” o mundo com propostas inovadoras. A “ciência”, transformou-se em “doutrina universal”, sem considerar o es-

trazida pela industrialização. Falou de "bairros miseráveis (...), organizados da mesma forma em quase toda a Inglaterra e constituídos pelas piores casas, nas zonas piores da cidade". Descreveu ruas "geralmente sujas, cheias de detritos vegetais e animais, sem esgotos e cobertas de poças de água estagnada e fetida".(29)

A consolidação da Revolução Russa de 1917, o crescimento universal do movimento operário e, sobretudo, a nova fase da Revolução Industrial (eletricidade, petróleo e imperialismo), vivida intensamente na Europa e nos Estados Unidos, levaram à formulação do denominado "estilo internacional" (30) da arquitetura e do urbanismo. Pretendeu-se dar uma resposta teórica e traçar um plano de trabalho para o mundo. Deixava-se de se considerar as diferenças históri-

ternacional para a Resolução de Problemas Arquitetônicos Contemporâneos (Cirpac) — serviram para fixar o "estilo internacional" e para difundi-lo pelo mundo afora. Tudo foi facilitado pelo concurso internacional de arquitetura para a construção do Palácio da Sociedade das Nações em Genebra, realizado em 1927. Neste evento, Le Corbusier e outros modernos destacaram-se como vencedores morais, embora formalmente derrotados. No ano seguinte, um grupo de arquitetos modernistas europeus reuniu-se em Chateau La Sarraz, na Suíça, e fundou os Ciam e o Cirpac. Estas organizações sobreviveram à II Grande Guerra e ac estabeleceram a Guerra Fria. Fizeram reuniões em inúmeros países europeus. A partir do final da década de 30 o Brasil passou a ter representantes nos Ciam. Lúcio Costa Oscar Niemeyer, dentre outros

membros do mesmo movimento.(35)

Nos Estados Unidos, o estúdio internacional teve importante espaço para se desenvolver. O país garantiu a expansão do movimento ao abrigar alguns arquitetos refugiados do nazi-fascismo e da guerra, dando-lhes meios de trabalho e reconhecendo seus talentos. De lá, o modernismo arquitetônico pôde ser reexportado. Os princípios estéticos da Bauhaus foram salvaguardados. (36)

te a arquitetura  
EUA, da Europa

mente, a produzida ou influenciada por Walter Gropius e por Le Corbusier. (37) As suas críticas são permeadas pela clara tentativa de celebrar as grandes construtoras e imobiliárias que promovem uma arquitetura e um urbanismo puramente comerciais. Monumentos ao dinheiro! Modernos templos de

votados à glória e ao poder de grandes corporações, de velhos ricos, cada vez mais endinheirados e de novos milionários escandalosos.

Um navio nas águas do mar Mediterrâneo e a cidade de Atenas foram os cenários do IV Congresso dos Ciam, realizado em 1933. O evento deveria ter ocorrido em Moscou. As autoridades soviéticas, no entanto,

dades soviéticas já demonstravam certas desconfianças com o modernismo — arquitetônico e com outras expressões artísticas da época. O “medo do novo” já havia se instaurado no país dos Soviets. (38) A Carta de Atenas não poderia ter sido a Carta de Moscou. As conclusões do IV Congresso foram publicadas

por Le Corbusier, por volta de 1941, numa versão contendo acréscimos pessoais às resoluções deste encontro internacional. Duas outras versões do mesmo documento foram publicadas em 1942. A de Corbusier prevaleceu como livro de cabeceira do estilo internacional do urbanismo e da arquitetura. A sua imensa produção o autorizou a ser considerado o fundador da nova arquitetura.

zou a ..revelar.. os canones do movimento. (39) As idéias deste manifesto programático foram divulgadas e aceitas em escala mundial. Apesar da imensa influência no Brasil, a Carta de Atenas só foi publicada, em português, em 1989. (40)

Os princípios fundamentais da Carta eram, segundo Rebeca Scherer:

*“A obrigatoriedade do planejamento regional e intra-urbano, a submissão da propriedade privada do solo urbano aos interesses coletivos, a industrialização dos componentes e a padronização das construções, a limitação do tamanho e da densidade das cidades, a edificação concentrada, porém adequadamente relacionada com amplas áreas de vegetação. Supu-*

nha ainda o uso intensivo da técnica moderna na organização das cidades, o zoneamento funcional, a separação da circulação de veículos e pedestres, a eliminação da rua-corredor e uma estética geométrizante".  
(41)

Foi pensada uma solução padronizada para o equipamento urbano de todo o mundo. Partiu-se do princípio de que as necessidades humanas eram idênticas em toda parte. Não foram consideradas as peculiaridades do desenvolvimento histórico de cada região. Fez-se

um plano para solucionar problemas sociais, econômicos e políticos. Difundir-se a idéia de um urbanismo e de uma arquitetura capazes de curar as feridas urbanas do pão de formiga do capitalismo. Tal como Foucault, passou-se a acreditar em “falanstérios” onde se poderia

am juntar „pessoas de desigualdade variada em fortunas, idades e caráter (e) em conhecimentos teóricos e práticos”, que poderiam ser harmonizadas numa associação perfeita. (42)

Em 1962, Georg Lukács (1885-1971), observando os problemas da arquitetura contemporânea, via dificuldades para que ela rompesse, por completo, com a fetichização de seu objeto. Não acreditava que a arquitetura tivesse sido capaz de produzir um novo espaço esotérico internacional.

social, inclusive na União Soviética. Acreditava que o stalinismo tinha contribuído para esta limitação. De acordo com o pensador húngaro, as condições histórico-sociais existentes impossibilitaram uma mudança real. Considerava os arquitetos progressistas numa equação

sem saída. Achava que eles se limitavam a produzir obras agradáveis, sem conseguirem propor soluções para problemas que escapavam à sua alçada. (43)

Em 1985, Juergen Habermas fez uma defesa apaixonada da arquitetura moderna contra os denominados “pós-modernos”.

Segundo o filósofo alemão, ela continuou:

“A tradição do racionalismo ocidental, e foi suficientemente forte para criar modelos, isto é, se tornar clássica e fundar uma tradição que desde o início ultrapassava fronteiras nacionais.

As manifestações hoje evidentes de crise na arquitetura moderna remontam menos a uma crise dela própria e, mais, ao fato de que ela se deixou voluntariamente sobrecarregar".(44)

initial etc., a arquitetura moderna ainda é válida e pode ser renovar. Os seus princípios gerais podem servir de base para novas soluções. Não há por que considerá-la superada e sem função para o mundo atual. Para ele, um dos seus méritos foi o da superação do "pluralismo estilístico, bem como das dissociações e especializações a que a arquitetura havia se conformado", no século passado. (45)

Os adeptos do pós-modernismo são inimigos da arquitetura e urbanismo inspirados em Le Corbusier, Gropius e outros. O livro de Edward Ralph — A paisagem urbana moderna — talvez seja um dos mais vigorosos manifestos antimodernistas traduzidos para a língua portuguesa. Ele resumiu a crítica que vem se desenvolvendo desde a década de 60. Os Estados Unidos adotaram o modernismo arquitetônico e deram condições de trabalho nunca antes conhecidas aos seus adeptos. Hoje, parcela expressiva de suas intelectuais o repudia e canta laus ao pós-moderno. (46) A reação pós-moderna tem se expandido e se esforçado em demolidor os pressupostos que fundamentaram o modernismo. (47)

O racionalismo das propostas da nova arquitetura nunca foi integral e politicamente revolucionário. E verdade que esta proposta estética subverteu os conceitos antigos da arquitetura. Não se pode esquecer de que o modernismo arquitetônico serviu a governos, a economias e a sociedades conservadoras. As soluções para o espaço arquitetônico das maiorias foram facilmente conversíveis em adereços de projetos que, de fato, beneficiaram as minorias.

Nos Estados Unidos e em muitos países europeus, o modernismo foi domesticado e passou a produzir para os governos, para as grandes corporações e para os milionários. No Brasil, os novos arquitetos projetaram, principalmente, para o Estado. Porém, não deixaram de trabalhar para as empresas e os endinheirados. Por que, então, tanta virulência contra a nova arquitetura? Por que valorizar tanto a volta ao antigo, a propor soluções ainda mais artificiais do que as do modernismo? Seria a questão da abertura do mercado para outras correntes? Numa época de tantas demolições, de quedas de mitos e de contestação de verdades absolutas há um cenário propício para se tentar destruir uma tradição estética progressista e libertadora. Isto é mais fácil, comodinho e lucrativo do que pensar em revisar e atualizar o modernismo arquitetônico. O que se deseja de fato é trocar um fetiche por outro ainda mais alienado? As reflexões de Habbemas permanecem atuais.

Anatole Kopp é outro dos raros intelectuais que continuaram a fazer a defesa do modernismo. Sua atitude vai contra a que agita o fim da história, da razão e das ideologias. Sua proposta é a do resgate da tradição libertadora dessa corrente do pensamento arquitetônico, despidida de seus problemas originais:

“É verdade que as condições históricas que em parte estiveram na origem do nascimento do ‘desenvolvimento da arquitetura moderna’ não são as atuais, mas as abordagens, os modos de raciocinar e as técnicas do ‘moderno’ não esgotaram suas possibilidades e continuam sendo o núcleo racional de toda criação arquitetônica, apesar de desagravar aos partidários da cópia do passado e da subjetividade e do espontaneísmo.”

(..)

É nesse sentido que o “moderno” poderia existir ainda hoje, — apesar dos efeitos conjugados contra ele da moda, dos meios de comunicação e da corrida ao lucro imediato — e podendo tornar-se novamente uma linguagem viva, uma causa como foi durante o período entre as duas guerras e não um estilo, a que certas pessoas o reduziram”.<sup>48)</sup>

O Brasil é o país do denominado Terceiro Mundo onde essas discussões são mais pertinentes e significativas. aqui, o modernismo -arquitetônico- construiu a capital e inúmeros prédios e monumentos nas grandes cidades. Os urbanistas e arquitetos modernistas tiveram especial destaque na vida do país, durante os últimos 50 anos. Desde a Era Vargas, sucessivos governos federais, estaduais e municipais patrocínaram suas obras. Inúmeros polêmicos incluiram em suas administrações a construção de trabalhos projetados por arquitetos desta corrente. Desenvolveu-se um “mecenato” estatal e a adoração deste estilo por setores expressivos da máquina de Estado.

Ainda hoje, o principal “cliente” da arquitetura moderna é a administração pública. Todavia, não se deve desprezar a importância dos projetos encorajados pela área privada. Lucio Costa e Oscar Niemeyer transformaram-se em cidadãos do mundo, a partir da realização de suas obras no Brasil e no exterior. As nossas condições históricas determinaram que aqui pravalecesse o “estilo” sobre a “causa”. A natureza do Estado brasileiro e o estatismo da modernidade articularam limitaram as potencialidades da nova arquitetura. Sobre o ponto de vista dos arquitetos, viveu-se uma ambiguidade entre a “causa” e o “estilo”.

Yves Bruand produziu um

exhaustivo levantamento histórico-  
co da arquitetura contemporâne-  
a brasileira. (49) Estudou-se  
desde as suas origens. Comen-  
tou o processo de desenvolvimen-  
to e a conquista da hege-  
monia pelo Modernismo, na dé-  
cada de 30.

O projeto e a construção do  
prédio do Ministério da Educa-  
ção e da Saúde, no Rio de Ja-  
neiro, foi um marco decisivo. Le-  
Corbusier veio ao Brasil, a con-  
vite do Ministério, para assessorar o grupo de seis arquitetos  
encarregados por Gustavo Ca-  
panema(50) de produzirem o  
monumento.(51) No mesmo gru-  
po estavam Lúcio Costa e Oscar  
Niemeyer. Pela primeira vez  
um órgão do Poder Executivo  
encomendava uma obra de  
grandes dimensões e custos, re-  
presentantes da nova arquitec-  
tura. O projeto definitivo ficou  
a cargo da equipe brasileira.(52)  
Nesta obra, construída entre  
1937 e 1943, estiveram presen-  
tes os elementos políticos, teori-  
cos e práticos básicos que, po-  
fixação da experiência, perni-  
ram, duas décadas depois, a cons-  
trução de Brasília. O trabalho  
de equipe foi um dos compo-  
nentes do sucesso do empreen-  
dimento. Nele, desenvolveram-  
se os laços entre Lúcio Costa e  
Oscar Niemeyer.

Não é objetivo deste trabalho  
descrever a minúcias da evolução  
do modernismo arquitetônico  
brasileiro. Isto já foi feito por  
Bruand(53), que também reuniu  
inúmeras fontes primárias e sec-  
undárias sobre o tema. Intere-  
ressa recuperar dados pontuais  
significativos para o Projeto  
Brasília. Neste sentido, é preciso  
so lembrar o extraordinário de-  
senvolvimento de Oscar Nie-  
meyer(54), como arquiteto, na  
décadas de 40 e 50, com a es-  
cução de dezenas de projetos no  
Brasil e no exterior. (55) No caso  
específico da Pampulha (56)  
(1942), foi sedimentada a forte  
ligação pessoal com Juscelino.

O talento individual, a capa-  
cidade de produção sistemática  
e o trânsito internacional de  
arquiteto, somados às boas rela-  
ções pessoais cultivadas com al-  
guns dos "donos do poder"  
possibilitaram atingir a sua po-  
sição de "delfim" da arquitetu-  
ra brasileira.

Niemeyer resumiu a sua evo-  
luição, a partir da experiência  
do prédio do Ministério da  
Educação:

"Aí eu comecei a trabalhar e  
fiquei muito amigo do Capane-  
ma. O Capanema me chamava  
pra tudo, pra almoçar, pra con-  
versar, pra visitar as obras dos  
artistas que participaram do  
Ministério: Portinari; Celso An-  
tônio, e... fiz Pampulha. Ele me  
levou a Belo Horizonte, me  
apresentou ao Juscelino. Então  
Pampulha foi meu primeiro  
trabalho.. assim importante na  
minha modesta vida de arquite-  
tura.

"Avião" o. Era o conde era lema foma somo a cujo a nos Duro P quietura brasileiro preendendo minhar obre A obreto gráfico personagem político palavras alguma muitas quisitou mais ec- ríor. O relacio na e a sua per em ev mídia, suas id conseg- dificul- mesmo ditadur ra ser jetiva arquitetua cia no Bruan tentar dade, ração. Lício te, dev pessoa

卷之三

to. Era uma abertura, era como a contestação do ângulo reto. Era levar arquitetura como uma forma mais livre, utilizando a curva, que tanta lembrança nos dava com as igrejas de Ouro Preto, barrocas. E a arquitetura então abriu um caminho novo para a arquitetura brasileira, a Pampulha, compreendeu? E hoje se você examinar o que existe na arquitetura brasileira, o que pelo menos é conhecido lá fora, é tudo uma coisa que começou na Pampulha... "(57)

eto de inúmeros textos biográficos e analíticos. (58) A sua personalidade, a filiação ao Partido Comunista, as ligações com políticos influentes e, principalmente, os seus trabalhos são, algumas vezes, alvos de críticas muitas vezes exacerbadas e imprecisas. No Brasil, ele é mais contestado do que no exterior. O senso comum brasileiro relaciona a arquitetura moderna e a construção de Brasília à sua pessoa. A condição de "delírio" fez com que ele estivesse em evidência permanente na mídia, desde a década de 50. As suas ideias sobre a arquitetura conseguiram, apesar de muitas dificuldades, ser respeitadas, mesmo no período mais duro da ditadura militar. Está ainda para ser feita uma apreciação objetiva e racional do valor de sua arquitetura e da sua importância no Brasil e no mundo. Yves Brund é um dos poucos que tentara o caminho da objetividade, sem esconder a sua admiração. (59)

Lúcio Costa (61), possivelmente, devido às suas características pessoais, se manteve reservado

## NOTAS

- sobre o Concurso.
- Os seus aparecimentos na mídia**  
são ocasionais e o senso comum, raramente, o associa a Brasília.
- Todavia, a sua importância para a arquitetura moderna é inquestionável. Ele foi um dos principais mentores intelectuais deste movimento. (62) Estabeleceu os seus parâmetros e os vinculou, indelevelmente, ao denominado "estilo internacional". Muito brasileiro, mas profundamente influenciado pela cultura européia, Lúcio Costa pôde navegar, sem maiores problemas, num estilo que se propunha a alcançar a universalidade. Admirador de Le Corbusier, escolheu para si a especialidade do urbanismo, sem descuidar da produção de prédios e outros monumentos arquitetônicos. Notabilizou-se pelo planejamento urbanístico de Brasília. Talvez tenha sido o único arquiteto do mundo contemporâneo que pôde projetar a capital de seu próprio país, acompanhar a sua construção e desenvolvimento.
- ## NOTAS
- RELATÓRIO do Plano Piloto de Brasília. Brasília: GDF, 1991.
  - 3 Cf. BOSI Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 3.ed. São Paulo: Cultur, 1990, p. 341.
  - 4 Ver: XAVIER, Alberto. (org.) Arquitetura moderna brasileira: depoimento de uma geração. São Paulo: PML/Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura/Fundação Vilanova Artigas, 1987. Importante coleção de textos e depoimentos de arquitetos e outros intelectuais modernistas. Os trabalhos sobre Brasil foram, propostamente, excluídos.
  - 5 GUIMARÃES FILHO, Augusto. Depoimento. Rio de Janeiro: A.R.D.F., junho de 1989.
  - 6 Ver: BOSI Alfredo. Op. Cit.
  - 7 Id. Ibid. p. 344.
  - 8 Id. Ibid. p. 341 a 553.
  - 9 BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1986. A edição princesa em inglês é de 1982.
  - 10 Id. Ibid. p. 74.
  - 11 Id. Ibid. p. 76.
  - 12 ANDERSON, Perry. Modernidade e Revolução. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 14, p. 2 a 15, fev. 1986. O original foi publicado na New Left Review, 144, março-abril 1984.
- 13 LANNI, Octavio. A ideia de Brasil moderno. REGRE, Campinas, v.1, p. 19 a 38.
- 14 Id. Ibid. p. 31.
- 15 HARDMAN, Francisco Foot. Tren Fantasma: a modernidade na selva. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- 16 Id. Ibid. p. 206.
- 17 SANTAGO, Silviano. Nas malhas da letra. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- 18 OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Modernidade e questão social. In: Lila Nova. São Paulo, n. 20, p. 41 a 68, maio 1990.
- 19 Id. Ibid. p. 65.
- 20 Cf. WASER, Ayala. Akhetaton, a cidade do sol. CORREIO DA UNESCOM. As utopias ou a busca do impossível. Rio de Janeiro, ano 19, n. 4, p. 17 e 18, abril 1991.
- 21 Ver: CAMPANELLA, Tomaso. A Cidade do Sol. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978; MORE, Thomas. A Utopia. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- 22 ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. In: MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. Textos. São Paulo: Edições Sociais, 1975. v.I, p. 37.
- 23 MANNEHIM, Karl. Ideologia e utopia. Zahar, 1972, p. 268.
- 24 Id. Ibid. p.273.
- 25 Ver: BENEVOLI, Leonardo. A cidade e o arquiteto. São Paulo: Perspectiva, 1984, 144 pp.; História da arquitetura moderna. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1989, 813 p.
- 26 Cf. HAROUEL, Jean-Louis. Histórica do urbanismo. São Paulo: Papirus, 1990, p. 114-1131.
- 27 Ver: SCHORR, Carl E. Viena fin-de-siècle. 3 reimpr. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 43 a 124. (A Ringstrasse, seus críticos e o nascimento do modernismo urbano).
- 28 Ver: ENGELS, Friedrich. A situação da classe trabalhadora em Inglaterra. Porto: Editorial Presença, 1975. Olivro é de 1945.
- 29 Id. Ibid. p.47.
- 30 Walter Gropius repudiou a expressão estilo internacional, de modo pouco convincente, em artigo publicado, originalmente, em 1954. Segundo ele, no período ainda não havia "... necessário distanciamento para medir os fatos objetivamente". Le Corbusier não só adovava como previa o advento de características locais no movimento, impostas pelo clima e pelas tradições. Ver: GROPPUS, Walter. Bauhaus: nova arquitetura. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 131 a 138; Le Corbusier. Planejamento urbano. 3. ed. São Paulo, Perspectiva, 1989, p. 43 e 44.
- 31 HAROUEL, Jean-Louis. Op. Cit. p. 119.
- 32 Id. Cít.
- 33 Escola de arquitetura e arte que funcionou na Alemanha pré-nazista: Weimar (1919) e Berlim (1931).
- 34 Ver: BRADBURY, Malcolm, McFARLANE, James.
- Modernismo: guia geral (1890-1930). São Paulo:
- Companhia das Letras, 1989.
- 35 Ver: GROPPUS, Walter. CLAM (1928-1953). In:
- GROPPUS, Walter. Op. Cit. p. 139-141; SCHERER,
- Rebeca. Apresentação, dez. de 1986. In: LE COR-
- BUSIER (1887-1965). A Carta de Ateneus. São Paulo:
- HUCITECEDUSP, 1989; HARQUEL, Op. Cit.
- 36 Ver: BENEVOLI, Leonardo. Op. Cit. p. 597 a
- 646; CIUCCI, Giorgio et alii. La ciudad americana:
- de la guerra civil al New Deal. Barcelona: Editorial Gustavo, Gili, 1975.
- 37 Ver: WOLFE, Tom. Da Bauhaus ao nosso caos.
- Rio de Janeiro: Rocco, 1990. O texto original, em
- inglês, é de 1991.
- 38 Cf. KOPP, Anatole. L'architecture de la période stalinienne. Grenoble: Presses Universitaires, 1977.
- Trata-se de aleitado levantamento e análise da arquitetura produzida com base no "realismo socialista" durante o longo governo de Stalin.
- 39 Le Corbusier foi um dos mais prolíficos arquitetos modernistas. Desenvolveu entre 1905 e 1965, deixando dezenas de projetos nos seguintes países: Suíça, França, Bélgica, Alemanha, Argentina, Brasil, Argélia, China, União Soviética, Espanha, Suécia, Colômbia, Índia, Iugoslávia, Itália, Japão, Chipre e Estados Unidos. Só não produziu para a Oceania. As suas ideias percorreram literalmente o planeta, na elegância de seus textos de seu traço arquitetônico. Uma parcela bastante expressiva dos seus projetos foi executada. Fonte: FONDATION LE CORBUSIER. ARCHITECTURE, plans et archives. Paris, nov. 1988.
- 40 Ver: SCHERER, Rebeca. Op. Cit.
- 41 Id. Ibid.
- 42 ARMAND, F. MAUBLAIN, R. Fourier. Mexico, 1904, p. 343. Tradução feita ICL.
- 43 Cf. LUKACS, Georg. Estética. Barcelona/Ciudad do México: Grijalbo, 1967, v.1, t.4, p.140 e 141.
- 44 HABERMAS, Jürgen. Arquitetura Moderna pós-Moderna. In: Novos Estudos CEBRAP, n.18, p. 115 a 124, set. 1987.
- 45 Id. Ibid.
- 46 RELPH, Edward. A paisagem urbana modernista. Lisboa: Edições 70, 1990. A edição original em inglês é de 1987.
- 47 Ver: HOLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocca, 1991. Coleção de textos originalmente publicados nos EUA e na Inglaterra. A introdução foi escrita pela organizadora.
- 48 KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um orgulho. São Paulo: Nôtre/DUUSIS, 1990, p. 256 e 253. Escrito entre 1985 e 1986.
- 49 BRUAND, Yves. Arquitetura contemporânea n.º 1. Brasil: São Paulo: Perspectiva, 1981.
- 50 Gustavo Caparéna Filho nasceu em Pianguê (MG) em 10 de agosto de 1906. Filho de tradicionais famílias mineiras, emergiu na política durante a Era Vargas. Foi ministro da Educação e Saúde, entre 1934 e 1945, sempre cultivando amizades com intelectuais de várias vertentes, inclusive, com o Partido Comunista. Teve importante papel na modernização dos serviços estatais nas áreas de saúde, mineração, minas e continou como parlamentar nas duas legislaturas seguintes, sempre pelo PSD. Durante o governo JK foi nomeado ministro do Tribunal de Contas da União. Voltou à condição de deputado em 1965, nessa condição, apoiou o movimento militar de 1964. ingressou na ARENA em 1966 e foi cooptado para ser o vice de Costa e Silva, em 1968. Ocupou cargo de senador arenista (MG), em 1970. Em 1979 encerrou sua carreira política e fixou residência no Rio de Janeiro. Fonte: Dicionário FGV-CEDOC.
- 51 Le Corbusier permaneceu no Brasil de 1 de julho de 1936. Neste período, realizou várias conferências e acompanhadas, em dois atelés distintos, a definição do projeto do Ministério e o de um centro universitário a ser construído no Rio de Janeiro.
- 52 BRUAND, Yves. Op. Cit. p. 81 a 93.
- 53 Id. Ibid.
- 54 Oscar Niemeyer Soares Filho nasceu no bairro de Laranjeiras, Rio e Janeiro, em 15 de dezembro de 1907. É filho de uma família da classe média tradicional carioca. O seu avô era o ministro do Supremo Tribunal Federal. Viveu a infância e adolescência na sua casa. Concluiu o curso de Arquitetura e Engenharia Civil na Escola Politécnica da Universidade Nacional de Belas Artes, em 1934. Desde 1945, ativo membro do Partido Comunista Brasileiro. Preceptor de muitos projetos de arquitetura no Brasil e exterior. Recebeu grande quantidade de premios e condecorações. Publicou vários artigos, principais

38 Cf. KOPP, Anatole. *L'architecture de la période stalinienne*. Grenoble: Presses Universitaires, 1977.

39 Le Corbusier foi um dos mais prolixos arquitetos modernistas. Desenvolveu entre 1905 e 1965, dezasseis projetos nos seguintes países: Suíça, França, Bélgica, Alemanha, Argentina, Chile, Brasil, Argélia, Grécia, União Soviética, Espanha, Suécia, Colômbia, Indonésia, Iraque, Itália, Japão, Chipre e Estados Unidos. Só manuscritos produziu para a Oceania. As suas ideias percorreram literalmente o planeta, na elegância de seus textos e do seu traço arquitetônico. Uma parcela bastante expressiva desses seus projetos foi executada. Fonte: FONDATION LE CORBUSIER, ARCHITECTURE PLANS ET ARCHIVES, Paris, nov. 1988.

40 Ver: SCHERER, Rebeca. Op. Cit.

41 Id. ibid.

42 ARMAND, F. MAUBLANC, R. Fourier. Monografias. Lisboa, Edições 70, 1990. A edição original em inglês é de 1987.

43 Cf. LUKACS, Georg. Estética. Barcelona/Cidade do México: Grijalbo, 1967. v.1, t.4, p.140 e 141.

44 HABERMAS, Jürgen. Arquitetura Moderna pos-Moderna. In: Novos Estudos CEVRAF, n.18, p. 115 a 124, set. 1987.

45 Id. ibid.

46 REILPH, Edward. A paisagem urbana modernista. Lisboa, Edições 70, 1990. A edição original em inglês é de 1987.

47 Ver: HOLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rococó, 1991. Coleção de textos originalmente publicados nos EUA e na Inglaterra. A introdução foi escrita pela organizadora.

48 KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa. São Paulo: Nobel/EDUSI, 1990. p. 252 e 253. Escrito entre 1985 e 1986.

49 BRUAND, Yves. Arquitetura contemporânea n. Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1981.

50 Gustavo Caparéna Filho nasceu em Pianguingá (MG) em 10 de agosto de 1906. Filho de tradicionais famílias mineira, emergiu na política durante a Era Vargas. Foi ministro da Educação e Saúde, entre 1934 e 1945, e sempre cultivou amizades com intelectuais variados, entre os quais o próprio Vargas. Foi ministro da ARENA em 1966 e foi deposto pelo golpe militar de 1964. ingressou na ARENA em 1966 e foi cooptado para ser o vice de Costa e Silva, em 1966. Ocupou o cargo de senador arenista (MG), em 1970. Em 1970 encerrou sua carreira política e fícou residindo no Rio de Janeiro. Fonte: Dicionário IGV-CEDOC.

51 Le Corbusier permaneceu no Brasil de 1 a 15 de agosto de 1936. Neste período, preferiu viajar entre conferências acompanhado em dois aéreos distintos: a definição do projeto do Ministério e o de um Supremo Tribunal Federal. Viveu a infância e adolescência em sua casa. Concluiu o curso de Arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes, em 1934. Desde 1945, ativo militante do Partido Comunista Brasileiro. Prezou muito numerosos projetos de urbanismo no Brasil e exterior. Recebeu grande quantidade de prêmios e condecorações. Publicou vários artigos, principa-

mente, na Revista Módulo, da qual foi, durante longo tempo, o mais significativo mantenedor. Escreveu alguns pequenos ensaios onde resumiu suas idéias, experiências e trabalhos em estilo e objetivo. Tor- nou-se um dos mais internacionalmente conhecidos intelectuais brasileiros.

56 Um complexo arquitetônico — Iate Clube, Cassino (hoje, Museu), Casa do Baire, Igreja, etc., construídos ao redor de um lago artificial quando JK era prefeito de Belo Horizonte (MG). O conjunto é ligado ao centro de capital mineira por uma auto-es- trada, quase sete quilômetros. Na Pampulha, já honrava a integração de esculturas e pinturas — Cândido Portinari, Alfredo Ceschiatti, Burle Marx, den- tre outros — com a arquitetura de Niemeyer e sua presença de Joaquim Cardozo, encarregado do cálculo estrutural. Um ensaio para Brasília,

57 NIEMEYER, Oscar. Depoimento. Brasília: ArPDF, junho de 1959.

58 VER: SODRÉ, Nelson Werneck. Oscar Niemeyer: 59 Idem.

Darcey Ribeiro, Ferreira Gullar e Sabino Barroso entrevistam Niemeyer. Rio de Janeiro: Gralal, 1978.

Livro escrito para comemorar os 70 anos do arquite- to. PUPPI, Lionello. A Arquitetura de Oscar Nie- meyer. Trad. de Luiz Mario Gazzola. São Paulo: CTOR/Revant, 1987. Uma forma apaixonada da obra do arquiteto e de seus seguidores; CAMPÀ, Ricardo. A reta e a curva: reflexões sobre nosso tempo com Oscar Niemeyer, Mário Schambach e Cílio Furtado. São Paulo: Max Limonaia, 1986; SPADE, Rupert (org.) & FUJAGAWA, Yukio (fl.). Oscar Niemeyer. New York/Japan: Simon and Schuster, 1971. 77 fs.

Trata-se de biografia de Niemeyer, acompanhado de uma cronologia de suas obras, fotografias, cópias de plantas e projetos. NIEMEYER, Oscar. Quase memó- rias: viagens (tempos de entusiasmo e revolta 1961-1966). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988. — A forma na arquitetura. Rio de Janeiro: 61 Lucio Costa é filho de brasilienses. Nasceu em 27 de fevereiro de 1902 em Toulon, na França. O seu pai era oficial da Marinha e engenheiro naval. No mesmo ano de sua nascença, a família retornou a Brasil. Lucio Costa voltaria para Europa em 1910, lá ficando e estudando até 1916. Morou na Inglaterra, França e Suíça. Nesta, permaneceu por maior tempo. Em 1917, já estava no Brasil estudando na Escola Nacional de Belas-Artes. Começou a trabalhar em arquitetura no início da década de 1920. Segundo ele, era completamente alheio ao Modernismo até os anos trinta. Fonte: COSTA, Lucio. Depoimento. Rio de Janeiro, ArPDF, maio de 1988.

62 VER: COSTA, Lucio. Arquitetura brasileira. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

63 (coleção "Os Cadernos da Cultura"). Sobre arquitec- tura. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universi- tários de Arquitetura, 1962. Razões de la nueva arquitectura — 1934 — y otros ensayos. Lima: Embajada del Brasil, 1966. Coleção, traduzida para o espanhol, de ensaios, artigos para imprensa e o relatório justificativo do Concurso do Plano Piloto publicados, originalmente, entre 1934 e 1961; Ya- VIER, Alberto. (org.) Po. Cr.

---

\* Luis Carlos Lopes é professor do Departamento de Ciência da Informá- tica e Documentação da Universidade de Brasília e pesquisador do Arquivo Público do Distrito Federal.

Endereço para correspondência: HCGN 711, bloco J casa 21 70750-770 — Brasília-DF.

Ilustrações retiradas da obra "Brasília, Trilha Aberta", editada pelo GDF.

# Argonautas do Sertão

Mais conhecido como romancista e contista, o escritor Bernardo Élis tem também notáveis estudos na área de História. Neste artigo, Bernardo resgata a temeridade com que velhos sertanistas do século passado buscaram, por via fluvial, romper o terrível isolamento da província de Goiás em busca de comunicação com as

# BERNARDO ÉLIS

Academia Brasileira de Letras

**P**ossui o Brasil uma abundante rede hidrográfica, cujos rios não têm sido inteligentemente aproveitados para navegação, em virtude de nossas condições especiais. Muitos dos rios ou cortam regiões despovoadas ou correm nos planaltos, onde as corredeiras e cataratas impedem a livre navegação.

No caso de Goiás, essas cir-

ponderantes e em nosso território, o único rio cuja navegação se mostra mais praticável é o Araguaia, sem embargo de sua natureza de curso d'água de margens indefinidas.

No momento, fala-se numa hidrovia ao longo dos rios Grande e Paranaíba, o que fará de Itumbiara (limite de Goiás com Minas) um porto ligado a Buenos Aires, Assunção do Paraguai e São Paulo, numa ampliação fabulosa de nossas possibilidades de navegação fluvial.

Portugal não possui grandes cursos d'água e, praticamente, é o Tejo o único rio navegável; contudo, sempre herdamos dos

A condição de estar Goiás privado de cursos fluviais navegáveis influiu no nosso desenvolvimento e nos isolou da comunidade nacional. Mato Grosso, mais distante geograficamente, como tinha possibilidade de ser alcançado por rios e pelo oceano (via Buenos Aires) foi descoberto primeiro e, de certa forma, embora menos povoado, tem tido mais presença nacional do que Goiás na História Pátria.

Se se fizer um balanço rápido, constatamos que das sedes de administração das comitan-

do Brasil, apenas duas não eram servidas por portos ou marítimas ou fluviais: Ouro Preto (MG) e Vila Boa ou Goiás (GO). No caso de Ouro Preto a maior proximidade do litoral minorava o mal da ausência de rio navegável. Por força desse impreciso geográfico, Goiás sempre se sentiu prisioneiro e lutou incansavelmente por uma saída para o oceano.

No tempo do apogeu do ouro, como não havia exportação que não fosse feita pelo mar, não fai-

tão sentida e até permitiu ao rei proibir a navegação dos rios To-  
cantins e Araguaia. Por alvará de 1733 confirmou-se a ordem anterior de se usar apenas um caminho terrestre para Goiás, proibindo por tempo indeterminado a navegação fluvial. De 1737 até 1782, portanto, não se usaram os rios para transporte e comunicação. Depois, porém, que Goiás passou a explorar a agropecuária, foi ai que se apresentou em toda a sua pujança nosso drama de região desprovida de meios de transporte. A partir do governo de d. José de Almeida e Vasconcelos (1770-1778) começa a luta pela liberdade de navegação, o que só se efetiva a partir do governo de d. Luís da Cunha Menezes (1778/1783).

Contudo, desde os primeiros tempos de nossa colonização, os luso-brasileiros se interessaram por dotar a sede da administração da capitania (Vila Boa) de um porto fluvial que não distasse muito da vila. E para execução disso muito diligenciaram.

PORTO DE TOMAS DE SOUSA

reiro, a 72 km de Vila Boa instalou-se um embarcadouro conhecido como porto do rio Vermelho, porto do Ferreiro ou de Tomás de Sousa Vila Real. Este Tomás de Sousa Vila Real (há outro Tomás de Sousa) é o maior navegador de Goiás e talvez o maior navegador de rios do Brasil inteiro. Em 1790 o governo português desenvolvia uma política de incremento à navegação fluvial — era a política integracionista de D. Maria I. D. Francisco de Sousa Coutinho, governador do Pará, organizou uma expedição comandada por Tomás de Sousa Vila Real, com o objetivo de levantar mercadorias até o Pontal (Porto Nacional, no Tocantins); daí daria Tomás de Sousa ir a Vila Boa e com ajuda de Tristão da Cunha, governador de Goiás, organizar outra expedição que descesse o rio Araguaia até Belém, transportando mercadorias.

Magalhães, quando aí se insiou a sede da empresa de barcos a vapor do Araguaia (1866) constituída do vapor Araguai reboador Cristovao Colombo os botes São João do Araguaia Jurupensém, Aricá e Cuiabá Declinando a Empresa de Centro de Magalhães, o Araguaia voltou a ser uma via ou caminho não utilizado economicamente até que na década de 30/40 do século o holandês Emílio Kleimann reviveu a epopeia quecida. Instalou uma linha de barcos entre Aruana e Belém. Eram três embarcações ob- dientes a modelos especiais para as águas rasas do Araguaia movidas a diesel, com capacidade de para 20 ou 30 toneladas, e todo o conforto moderno, que gastavam naquele percurso seis dias para descer o rio e 12 para subir. Por aí recebia Goiás gatilha do Pará com um preço menor 25% do que a importada de São Paulo.

Essa tentativa extinguiu-se a partir da década de 40.

### PORTO DO RIO DO PEIXE

Outro embarcadouro escolhido foi no rio do Peixe, outro afluente do Araguaia, cujas beira-ribeiras estão próximas de Vila Boa. Ali criou-se o porto de Santa Rita do rio do Peixe, o qual foi inaugurado (1.800) pelo capitão-general João Manuel Menezes que, vindo com a intenção cumbêncio de fomentar a navegação interna e o povoamento das terras ribeirinhas, saiu de Lisboa e chegou a Belém do Pará; em seguida, subindo o rio Araguaia e alcançando o rio do Peixe, desembarcou no chão do porto do rio do Peixe, a 8 km de Vila Boa, aonde acabou de chegar a cavalo.

A comitiva que o acompanhou

constituia tribuídas tarias; levava para venda Belém e Peixe, aou fevereiro ríodo das gem extre por si só l d. João M pela prim mundo é numerosa percurso pleitamente. Enquanto único conv foi com os comitiva", ram um P dios apinados de meses de dias depois a região e ram de feira nais, os b desertaram todos aflijidos.

Várias com merciais se rio do Peix nota as efec d. Francisco nhias, todas das e impptão Tomás Nesse temp pitches e animados lhadores.

Logo dep gaçao decl general Cu ai apenas a ços de ba praia e rest ruinadas. Couto de M sidente da

5 mon-  
e meio  
entre  
rio do  
18 de  
no pe-  
na via-  
sa que  
zer de  
i, pois  
que o  
na tão  
lhante  
com-  
to, "o  
antido  
rópria  
on-  
de-  
e três  
ir ou-  
jás 20  
e, que  
sofre-  
ntesti-  
viçais  
ular a  
es co-  
tir do  
as de  
no de  
care-  
dirigi-  
capi-  
Real.  
e tra-  
eram  
raba-  
nave-  
20 o  
strou  
stro-  
s na  
s ar-  
neral  
pre-  
sua

Anhang  
res pou-  
Silva B.  
Emb-  
ganhari-  
Maran-  
sair em-  
ço de ]  
ses e on-  
Posto  
govern-  
Menez-  
José (2)  
do cap-  
Real e e-  
porto o-  
ba, e d-  
tar, co-  
Sub o o-  
pedestri-  
los tra-  
índios  
A ex-  
meras  
combaba-  
noeiroo-  
prediaq-  
Nela i-  
capitânia-  
igualm-  
lhos d-  
las. At-  
chegara-  
lidos, ]  
sertad-  
intestini-  
nas.  
Des-  
nunca  
ra der-  
POR  
O tí-  
tentado  
por el-  
de Bee-  
comer-  
região-  
verma-  
Maceio-

A hand-drawn map of the Amazon River basin, centered on the city of Belém, Pará. The map shows the main course of the Amazon River flowing eastward. Major tributaries labeled include the Rio Tocantins, Rio Xingu, Rio Tapajós, Rio Pará, Rio Turiú, Rio Verde, Rio Branco, Rio Juruá, Rio Purus, Rio Madeira, Rio Solimões, Rio Negro, and Rio Amazonas. Several cities are marked: Belém, Pará, Santarém, Tucumã, Itaituba, Parauapebas, Altamira, São Félix do Xingu, Paragominas, Imperatriz, São Luís, Belo Horizonte, and Rio Branco. A dashed line indicates the border between Brazil and Peru. An arrow points from the word 'BRASILIA' to the city of Brasília, Distrito Federal. The map also includes labels for 'MENAS GERAIS' in the south and 'PARAÍBA' in the west.

Brasília — O chefe  
esse porto de 1861  
nada. Era o porto  
grande dos botões  
as águas que  
existe aí.  
Contudo,  
servação  
Santa Irená  
sentada  
rio: "Era  
meridiano  
saco; é  
pequena  
que creia  
luxuria  
trastornar  
cor braço  
P  
Outrora  
para povoar  
Uruuí,  
Canastor  
dades  
rái: Erval  
Capim  
no mato

esse porto em 27 de setembro de 1862, não encontrou mais nada. Eis suas palavras: "é hoje (o porto) uma velha tapera, e do grande armazém que aí houve dos botes que flutuavam sobre as águas verdescentes do rio, existe apenas a memória".

Contudo, faz as seguintes observações sobre a povoação de Santa Rita do rio do Peixe, assentada 3/4 de legua ao sul do rio: "Esta colocada nas encostas meridionais da serra do Acabasco; é linda, porém povoação pequena; a verlura das árvores, que crescem pelos quintais, e o luxuriante da vegetação contrastam agradavelmente com a cor branca das casas".

#### POR DO URUÚ

Outro lugar de que se cogitou para porto de Vila Boa foi no rio Ururu, na altura da foz do rio Canastrá, próximo das atuais cidades de Itapuranga ou Heitoraí. Era o porto de Santana do Capim Puba. Segundo registro no mapa de Tosi Colombina (1751), daí, em 1724, partiram componentes da Bandeira do Anhanguera chefiados pelo alferes português José Peixoto da Silva Braga.

Embarcando-se no rio Ururu, ganharam o rio das Almas, o Maranhão e o Tocantins, indo sair em Belém do Pará em março de 1725, ou seja, quatro meses e onze dias depois.

Posteriormente, em 1789, no governo de Tristão da Cunha Meneses, pela enchente de São José (20 de março), o já conhecido capitão Tomás de Sousa Vila Real embarcou no rio Ururu, no porto de Santana do Capim Puba, e desconde sempre foi ter a Belém. Era uma expedição militar, composta de 800 pessoas sob o comando do sargento de pedestres José Luis, famoso pelos trabalhos de catequese dos índios Caiapós.

A expedição passou por inúmeras peripécias de naufrágios, combate com os indígenas Caiapós que faziam enormes depredações no Norte de Goiás. Nela também tomava parte o capitão Miguel de Arruda Sá, igualmente notável pelos trabalhos de aldeamentos de silvícolas. Ao fim da jornada, apenas chegavam a Belém oitenta inválidos, havendo a maioria ou deserta ou morrido de doenças intestinais e ataque de indígenas.

Desse ponto, ao que se saiba, nunca mais partiu expedição para derrota tão distante.

#### PORTO DO RIO DOS BOIS

O último porto fluvial a ser tentado ficava no rio dos Bois e por ele começava-se a desistir de Belém, trocando essa praça comercial por São Paulo ou pela região sul. Era o tempo do governador Francisco de Assis Mascarenhas (1804-1809) e a empreitada foi cometida a Estanislau de Oliveira Guterrez que

no começo das águas de 1808 embarcou em Anicuns, quase nas cabeceiras do rio dos Bois, levando consigo mais cinco aventureiros. Naufagando nas águas cacheiras do rio Paraná, a que chegaram depois de muitas penas, ao cabo da viagem restaram vivos apenas dois homens, os quais nunca mais retornaram a Goiás.

No governo de Fernando Delgado Freire de Castilho (1816) nova tentativa se experi-

mentou, embarcando os explora-

do Rio de Janeiro e dá conhecimento ao príncipe regente, fu-

tuído. João VI, de seus afanosos trabalhos, ocasião em que o

príncipe o agraciou com o hábi-

to de Cristo, ordenando-lhe que

voltasse para Goiás, embarcando-se no Mogiaguá,

e por via fluvial fosse até o pon-

to mais próximo de Vila Boa. As-

sim fez ele com sucesso, subindo o Paraná, rio dos Bois, en-

trando pelo Turvo até onde as

águas permitiram navegação.

Por aviso de 20 de dezembro de 1820 se mandou dar a José Caetano cem mil réis por mês

para prosseguir na proveitosa tarefa de explorar os rios do sul de Goiás. Tal ordem, porém, ja-

mais se cumpriu...

Tudo isso são notícias que nos

dão o historiador Alencastre na

sua interessante obra intitulada "Anais da Província de Goiás", cuja leitura não deixa de ser proveitosa.

Um descendente de bandeiran-

te, Antônio José Leite, em 1824,

percorre a bacia do Paranába,

onde deram por finda a viagem.

Nesse percurso morreram quatro companheiros de João Caetano, o verdadeiro chefe da expedição, o qual chegou vivo a

Piracicaba, mais para cima do Tietê, entretanto seu compa- nheiro José Pinto da Fonseca, outro famoso catequisador de índios de Goiás, veio a falecer de febre na vila de São Carlos de Campinas, no matal de 1816. Algum tempo depois, esse mesmo João Caetano, único sobrevivente, explorou o rio Grande, partindo de Mogiaguá, e chegou até a embocadura do rio Corumbá, no Paranába, de onde regressou a Araraqua- ra.

Em 1817, João Caetano vai ao Rio de Janeiro e dá conhecimento ao príncipe regente, futuro d. João VI, de seus afanosos trabalhos, ocasião em que o príncipe o agraciou com o hábito de Cristo, ordenando-lhe que voltasse para Goiás, embarcando-se no Mogiaguá, e por via fluvial fosse até o ponto mais próximo de Vila Boa. Assim fez ele com sucesso, subindo o Paraná, rio dos Bois, entrando pelo Turvo até onde as águas permitiram navegação.

Por aviso de 20 de dezembro de 1820 se mandou dar a José Caetano cem mil réis por mês para prosseguir na proveitosa tarefa de explorar os rios do sul de Goiás. Tal ordem, porém, já mais se cumpriu...

Tudo isso são notícias que nos dão o historiador Alencastre na sua interessante obra intitulada "Anais da Província de Goiás", cuja leitura não deixa de ser proveitosa.

Um descendente de bandeirante, Antônio José Leite, em 1824, percorre a bacia do Paranába, onde deram por finda a viagem.

Nesse percurso morreram quatro companheiros de João Caetano, o verdadeiro chefe da expedição, o qual chegou vivo a

"Os descendentes do insigne bandeirante João Leite da Silva Ortiz não lograram sobreviver, em lustre, ao chefe envenenado em Recife, e entraram para a nauta transpôs as terríveis corredoiras dos Tachos, na barra do CORUMBÁ-PARANAÍBA, e, subindo ainda por este foi ter à barra do Rio das Velhas. Daí por este acima, Antônio José Leite chegou ao Registro Real de Santana do Rio das Velhas, de onde, retornando pela mesma via, regressou a Anicuns. Esse Leite, que, em 1824, partindo de Anicuns, em uma canoa, pelo rio dos Bois, foi ter ao Paranába, navegando, rio acima.

De fato, o arrojado argonauta, segundo a classificação do ilustre Cunha Matos, subindo o Paranába, transpôs os rebojos do Praião, venceu todos os obstáculos da natureza e descobriu a formosa e famosa Cachoeira Dourada, soberba cachoeira de salto, onde o Paranába se despenca de uma altura de 22 metros, com a extensão de 1.500 metros, em espetáculo o mais grandioso que o homem pode contemplar.

Aí viu Antônio Leite que lhe não era possível "varar" a cachoeira, serianista de sangue, porém, não desanimou; construiu outra canoa, acima da cachoeira, acampando, para isso na ilha de Antônio José Leite, ou do Ferrador, que biparte a formosa queda de água e que é o eixo e será a base das futuras obras com as quais se há de aproveitar a força das correntes.

Construída a nova canoa, prosseguiu Antônio José Leite na sua viagem de descobrimento

to e veio ter ao local, onde, oito anos depois, se criou o Porto de Santa Rita do Paranába, hoje cidade do mesmo nome, na fronteira de Goiás com Minas Gerais. (Atualmente Santa Rita do Paranába se chama Itumbiara). Continuando a viagem, o

nauta transpôs as terríveis corredoiras dos Tachos, na barra do CORUMBÁ-PARANAÍBA,

e, subindo ainda por este foi ter à barra do Rio das Velhas. Daí

por este acima, Antônio José

Leite chegou ao Registro Real de Santana do Rio das Velhas, de onde, retornando pela mesma via, regressou a Anicuns. Esse Leite, que, em 1824, partindo de Anicuns, em uma canoa, pelo rio dos Bois, foi ter ao Paranába, navegando, rio acima.

De fato, o arrojado argonauta, segundo a classificação do ilustre Cunha Matos, subindo o Paranába, transpôs os rebojos do Praião, venceu todos os obstáculos da natureza e descobriu a formosa e famosa Cachoeira Dourada, soberba cachoeira de salto, onde o Paranába se despenca de uma altura de 22 metros, com a extensão de 1.500 metros, em espetáculo o mais grandioso que o homem pode contemplar.

Aí viu Antônio Leite que lhe não era possível "varar" a cachoeira, serianista de sangue, porém, não desanimou; construiu outra canoa, acima da cachoeira, acampando, para isso na ilha de Antônio José Leite, ou do Ferrador, que biparte a formosa queda de água e que é o eixo e será a base das futuras obras com as quais se há de aproveitar a força das correntes.

Construída a nova canoa, prosseguiu Antônio José Leite na sua viagem de descobrimento

to e veio ter ao local, onde, oito anos depois, se criou o Porto de Santa Rita do Paranába, hoje cidade do mesmo nome, na fronteira de Goiás com Minas Gerais. (Atualmente Santa Rita do Paranába se chama Itumbiara). Continuando a viagem, o

nauta transpôs as terríveis corredoiras dos Tachos, na barra do CORUMBÁ-PARANAÍBA,

e, subindo ainda por este foi ter à barra do Rio das Velhas. Daí

por este acima, Antônio José

Leite chegou ao Registro Real de Santana do Rio das Velhas, de onde, retornando pela mesma via, regressou a Anicuns. Esse Leite, que, em 1824, partindo de Anicuns, em uma canoa, pelo rio dos Bois, foi ter ao Paranába, navegando, rio acima.

De fato, o arrojado argonauta, segundo a classificação do ilustre Cunha Matos, subindo o Paranába, transpôs os rebojos do Praião, venceu todos os obstáculos da natureza e descobriu a formosa e famosa Cachoeira Dourada, soberba cachoeira de salto, onde o Paranába se despenca de uma altura de 22 metros, com a extensão de 1.500 metros, em espetáculo o mais grandioso que o homem pode contemplar.

Aí viu Antônio Leite que lhe não era possível "varar" a cachoeira, serianista de sangue, porém, não desanimou; construiu outra canoa, acima da cachoeira, acampando, para isso na ilha de Antônio José Leite, ou do Ferrador, que biparte a formosa queda de água e que é o eixo e será a base das futuras obras com as quais se há de aproveitar a força das correntes.

Construída a nova canoa, prosseguiu Antônio José Leite na sua viagem de descobrimento

to e veio ter ao local, onde, oito anos depois, se criou o Porto de Santa Rita do Paranába, hoje cidade do mesmo nome, na fronteira de Goiás com Minas Gerais. (Atualmente Santa Rita do Paranába se chama Itumbiara). Continuando a viagem, o

nauta transpôs as terríveis corredoiras dos Tachos, na barra do CORUMBÁ-PARANAÍBA,

e, subindo ainda por este foi ter à barra do Rio das Velhas. Daí

por este acima, Antônio José

Leite chegou ao Registro Real de Santana do Rio das Velhas, de onde, retornando pela mesma via, regressou a Anicuns. Esse Leite, que, em 1824, partindo de Anicuns, em uma canoa, pelo rio dos Bois, foi ter ao Paranába, navegando, rio acima.

De fato, o arrojado argonauta, segundo a classificação do ilustre Cunha Matos, subindo o Paranába, transpôs os rebojos do Praião, venceu todos os obstáculos da natureza e descobriu a formosa e famosa Cachoeira Dourada, soberba cachoeira de salto, onde o Paranába se despenca de uma altura de 22 metros, com a extensão de 1.500 metros, em espetáculo o mais grandioso que o homem pode contemplar.

Aí viu Antônio Leite que lhe não era possível "varar" a cachoeira, serianista de sangue, porém, não desanimou; construiu outra canoa, acima da cachoeira, acampando, para isso na ilha de Antônio José Leite, ou do Ferrador, que biparte a formosa queda de água e que é o eixo e será a base das futuras obras com as quais se há de aproveitar a força das correntes.

Construída a nova canoa, prosseguiu Antônio José Leite na sua viagem de descobrimento

to e veio ter ao local, onde, oito anos depois, se criou o Porto de Santa Rita do Paranába, hoje cidade do mesmo nome, na fronteira de Goiás com Minas Gerais. (Atualmente Santa Rita do Paranába se chama Itumbiara). Continuando a viagem, o

nauta transpôs as terríveis corredoiras dos Tachos, na barra do CORUMBÁ-PARANAÍBA,

e, subindo ainda por este foi ter à barra do Rio das Velhas. Daí

por este acima, Antônio José

Leite chegou ao Registro Real de Santana do Rio das Velhas, de onde, retornando pela mesma via, regressou a Anicuns. Esse Leite, que, em 1824, partindo de Anicuns, em uma canoa, pelo rio dos Bois, foi ter ao Paranába, navegando, rio acima.

De fato, o arrojado argonauta, segundo a classificação do ilustre Cunha Matos, subindo o Paranába, transpôs os rebojos do Praião, venceu todos os obstáculos da natureza e descobriu a formosa e famosa Cachoeira Dourada, soberba cachoeira de salto, onde o Paranába se despenca de uma altura de 22 metros, com a extensão de 1.500 metros, em espetáculo o mais grandioso que o homem pode contemplar.

Aí viu Antônio Leite que lhe não era possível "varar" a cachoeira, serianista de sangue, porém, não desanimou; construiu outra canoa, acima da cachoeira, acampando, para isso na ilha de Antônio José Leite, ou do Ferrador, que biparte a formosa queda de água e que é o eixo e será a base das futuras obras com as quais se há de aproveitar a força das correntes.

Construída a nova canoa, prosseguiu Antônio José Leite na sua viagem de descobrimento

to e veio ter ao local, onde, oito anos depois, se criou o Porto de Santa Rita do Paranába, hoje cidade do mesmo nome, na fronteira de Goiás com Minas Gerais. (Atualmente Santa Rita do Paranába se chama Itumbiara). Continuando a viagem, o

nauta transpôs as terríveis corredoiras dos Tachos, na barra do CORUMBÁ-PARANAÍBA,

e, subindo ainda por este foi ter à barra do Rio das Velhas. Daí

por este acima, Antônio José

Leite chegou ao Registro Real de Santana do Rio das Velhas, de onde, retornando pela mesma via, regressou a Anicuns. Esse Leite, que, em 1824, partindo de Anicuns, em uma canoa, pelo rio dos Bois, foi ter ao Paranába, navegando, rio acima.

De fato, o arrojado argonauta, segundo a classificação do ilustre Cunha Matos, subindo o Paranába, transpôs os rebojos do Praião, venceu todos os obstáculos da natureza e descobriu a formosa e famosa Cachoeira Dourada, soberba cachoeira de salto, onde o Paranába se despenca de uma altura de 22 metros, com a extensão de 1.500 metros, em espetáculo o mais grandioso que o homem pode contemplar.

Aí viu Antônio Leite que lhe não era possível "varar" a cachoeira, serianista de sangue, porém, não desanimou; construiu outra canoa, acima da cachoeira, acampando, para isso na ilha de Antônio José Leite, ou do Ferrador, que biparte a formosa queda de água e que é o eixo e será a base das futuras obras com as quais se há de aproveitar a força das correntes.

Construída a nova canoa, prosseguiu Antônio José Leite na sua viagem de descobrimento

to e veio ter ao local, onde, oito anos depois, se criou o Porto de Santa Rita do Paranába, hoje cidade do mesmo nome, na fronteira de Goiás com Minas Gerais. (Atualmente Santa Rita do Paranába se chama Itumbiara). Continuando a viagem, o

nauta transpôs as terríveis corredoiras dos Tachos, na barra do CORUMBÁ-PARANAÍBA,

e, subindo ainda por este foi ter à barra do Rio das Velhas. Daí

por este acima, Antônio José

Leite chegou ao Registro Real de Santana do Rio das Velhas, de onde, retornando pela mesma via, regressou a Anicuns. Esse Leite, que, em 1824, partindo de Anicuns, em uma canoa, pelo rio dos Bois, foi ter ao Paranába, navegando, rio acima.

**H**á duzentos e cinquenta anos, no dia 1º de março de 1743, nascia em Meia Ponte, hoje Piranópolis, JOAQUIM XAVIER CURADO, filho de João Gomes Curado e Dona Maria Josefa Pinheiro. Pequena freguesia no coração do Brasil, Meia Ponte foi fundada pelos intrépidos aventureiros do ouro, fiéis seguidores do aventureiro Bartolomeu Bueno da Silva. Um ano após a morte de seu pai, ocorrida em 1761, Joaquim, determinado e idealista, desde cedo, resolveu definir como seu objetivo de vida, o ingresso na Universidade de Coimbra. Para tanto, ganha os caminhos em direção ao Rio de Janeiro e procura matrícula no Seminário Episcopal de São José, portando, por certo, alguma carta de recomendação, coisa comum à época. O Seminário era uma escola de instrução e disciplina eclesiástica e estava localizada na encosta do Morro do Castelo; fora inaugurado em 1739, sob a iniciativa do bispo D. Antônio de Guadalupe e com a generosa ajuda do governador Gomes Freire de Andrade (1733-1763). Recebia alunos leigos e seminaristas. Somente os ricos pagavam, recebendo todos as mesmas instruções das matérias de latim, grego, francês, inglês, português, retórica, geografia e teologia.



# Xavier Curado:

# Um Conde em Piranópolis.

*ilva, levanta os principais momentos da biogra-*

ALBERTA MARINE RA

ral João Henrique Bohm, praticou atos de bravura que lhe garantiram acesso rápido nas promoções até o posto de sargento-mor (major). No seu retorno ao Rio de Janeiro, foi mandado para o interior da capitania, em diligência, para defender os fendeiros locais que estavam sendo assaltados e mortos pelos índios. Conseguiu Xavier Cunha afastar os indígenas, trazendo tranquilidade à região. Para isto formou um grupamento militar composto de moradores, para rechaçar os hostis. No final, conseguiu reunir os moradores que estavam refugiados em outras localidades para afirmarem uma nova aldeia, que recebeu a denominação de Minhocal. Sua atuação foi bem aceita pelas autoridades do Rio de Janeiro pela maneira pouco agressiva com que "se honrou".

In:

Suas atividades senso de apaziguiamento respeitado e supermoção a tenente-riada em 1798, futeação de todos os seus putação.

Durante o governo de Rezende, D. Castro (1790-1808) Regimento de B signado para o vedor em Cam reinava um clima entre os morador veio a desempenhante papel no das partes envolvidas mando os revolto guido trazer a mem de confiança desempenhou vá imortânia nob

Instituto Histórico e Geográfico do  
Instituto Histórico e Geográfico Militar

militares e seu  
equador fizeram-  
se sempre elogiado  
e coronel, ocor-  
reu consequência  
feitos e sua re-  
torno do Conde  
. José Luis de  
Ol), servindo no  
ragança, foi de-  
cargo de inter-  
nos (RJ) onde  
a de revolta en-  
tes. Novamente  
nhar um exce-  
entendimento  
olvidas, aproxi-  
tados e conse-  
paz esperada  
es. Como ho-  
ça do governo  
rias missões de  
íctio, no ento-  
tivece, o  
à capitania

rior. Uma  
Europa, e  
de docum  
Lisboa. U  
nova direc  
quando se  
tado por  
ação do te  
Curado fo  
jogou ao m  
ção que po  
seu conteu  
cançar a E  
Lisboa on  
balho, retor  
1800. Sua ]  
coronel ná  
de setemb  
mais uma  
trabalho.  
Ainda e

Governador  
(Desterro)  
à capitania

o Brasil  
do Brasil  
delas, foi a de 1799 na  
quando era portadon  
mentos secretos para  
m incidente veio dan  
ção ao seu trabalho  
u transporte foi assal  
navios franceses. A  
mente coronel Xavier  
i rápida e inteligente:::  
ar toda a documenta  
rtava, sem antes ler o  
ido. Consegundo al  
spanha, foi depois até  
de terminou seu tra  
rnando ao Brasil em  
promoção ao posto de  
o tardou a chegar (22  
ro daquele ano). Era  
recompensa pelo seu

bro. Governou até 5 de de 1805, deixando comprado o seu tino administrativo. O governo foi marcado por grande impulso na agricultura e construção de obras de rea-cessidades, apesar da falta de recursos. Os depoimentos viajantes estrangeiros que-aram a cidade — Langsdorff, Lisiansky e Colovni — dão idéia sobre alguns melhora-tos. Após sua missão de caráter cívico-militar, é chegado o momento de reforma. Em junho de 1806, cumprindo determinação e sobreja lealdade, é reformado pelas leis vigentes.

Novamente o destino muda-lhe a direção. Seu tendido descanso, após reles-tes serviços prestados ao Estado, não é aceito pelo Conde Arcos, D. Marcos de Noron-

junho  
ovado  
O seu  
rande  
pela  
uis ne-  
ta de  
s dos  
visi-  
dorff,  
uma  
men-  
ráter  
seu  
5 de  
com  
lade,  
tes.  
vai  
pre-  
avan-  
érci-  
dos  
ha e

Digitized by srujanika@gmail.com

história, ele recusou-se a assinar a sua reforma "por não querer freiar a Nação dos serviços que ainda lhe podia prestar um Oficial benemerito, e cujo zelo supria as forças físicas que talvez alguns alegassem perdidas". Na verdade, apesar dos seus 63 anos de idade, iria contribuir muito para a solução de problemas que a Nação enfrentaria no futuro próximo.

Sua promoção, merecida e justa, ao posto de brigadeiro ocorreu a 2 de abril de 1808, e em maio do mesmo ano, ao posto de marechal de campo, possibilitou-lhe seguir os briosos e heróicos caminhos na contínuidade do seu trabalho militar. Novamente, surge o homem de confiança do governo em ação no exterior. Naquele conturbado período das questões platinas, parte para Buenos Aires e Montevideo, a mando de D. João VI, como emissário particular para averiguar as ocorrências políticas que interessavam ao Brasil. Além disso, também atuou na área de comércio, procurando estabelecer acordos para a livre introdução, no Rio da Prata, dos produtos ingleses importados via Brasil.

Com o agravamento da situação político-militar na Banda Oriental, Xavier Curado permanece no Rio Grande do Sul à disposição do general D. Diogo de Souza, Governador da Capitania, que preparava a invasão

do território platino. Assim, preparou D. Diogo o seu Exército Pacificador da Banda Oriental, compondo duas colunas ao Comando dos generais Marques de Souza e Xavier Curado. A segunda Coluna, comandada pelo general Curado, era composta por dois Batalhões de Infantaria, dois Batalhões de Artilharia a Cavalo, da Legião de São Paulo, um Regimento de Dragões da Milícia do Rio Pardo e uma Companhia de Lanceiros guaranis. A marcha, dificultada pelos rios caudalosos e acidentes do terreno, foi vencida com denodo e, em outubro de 1811, a cidade de Maldonado era ocupada. Em março do ano seguinte estava o general nas imediações de Paissandu. As vitórias de Yapeju e São Tomé vieram diminuir as hostilidades inimigas com a total ocupação dessas regiões. Com a celebração do armistício, D. Diogo mandou retirar o seu Exército, evacuando o território Oriental.

A 13 de maio de 1813, recebe o general Curado mais uma promação. Desta vez alcança o mais alto grau hierárquico, é tenente general. E a sua vida continua entre a tática e a estratégia militares. O velho cabo-de-guerra ainda oferecerá ao Brasil seu trabalho denodado e responável.

Nos anos de 1816 a 1820 volta a comandar novas forças militares. É nomeado para comandar

o Exército Brasileiro no Quairain, vitorioso sobre o general José Artigas na Banda Oriental. Entre-Rios e Rio Grande do Sul. As ações em São Borja, Ibirocaí, Carumbé, Arapeí, Catalan, Arroio Grande bem demonstraram a sua capacidade tática e a exce- lência de sua liderança coman- dando homens como Oliveira Alves, João Mena Barreto, Ben- to Manuel e José de Abreu.

Para tantos serviços prestados com tanta bravura, recebeu de D. João VI, a "Comenda da Ordem da Torre e Espada", pelos relevantes serviços que acabara de prestar à pátria no campo de honra. A 20 de setembro de 1820, foi nomeado para Conselheiro de guerra e, ao retornar à Corte, participa, como membro do Conselho Supremo Militar.

Mas, a sua vida militar ainda não terminou. A roda do destino novamente vem a mover-se e a colocá-lo em mais um episódio da nossa história. O momento do célebre Fico, tão significativo na política de então, chama-o para mais um turno militar. Naquele episódio, o general Jorge Avilez rebelando-se, exige a re- tirada de D. Pedro I, ocupando, a

continuação

mando do general Oliveira Álvares. O tenente general Xavier Curado montou o seu quartel-general em São Gonçalo, Nitro, com dois Batalhões — um de granadeiros e outro de caçadores — dois Esquadrões de Cavalaria e quatro peças de Artilharia. Patrulhas foram colocadas em Icarai, Fortaleza de Santa Cruz e Praia de Rora. No morro de Santana, próximo à base do general Avilez, os milicianos aguardavam ordens. O Príncipe Regente exigiu que a tropa portuguesa iniciasse o embarque. Diante da tensa situação, a tropa portuguesa resol- veu retornar para Portugal.

Esta foi a última presença, à frente da tropa, do legendário Xavier Curado. Uma vida toda dedicada ao Exército. Cansado, aos 79 anos, ainda assim tem forças para mais uma atividade no meio civil como representante de Santa Catarina na Assembleia Legislativa. Encanecido, experiente e sempre com sua maneira apaziguadora levou o seu trabalho político sem grandes preocupações.

Avilez

rebelando-se, exige a re-

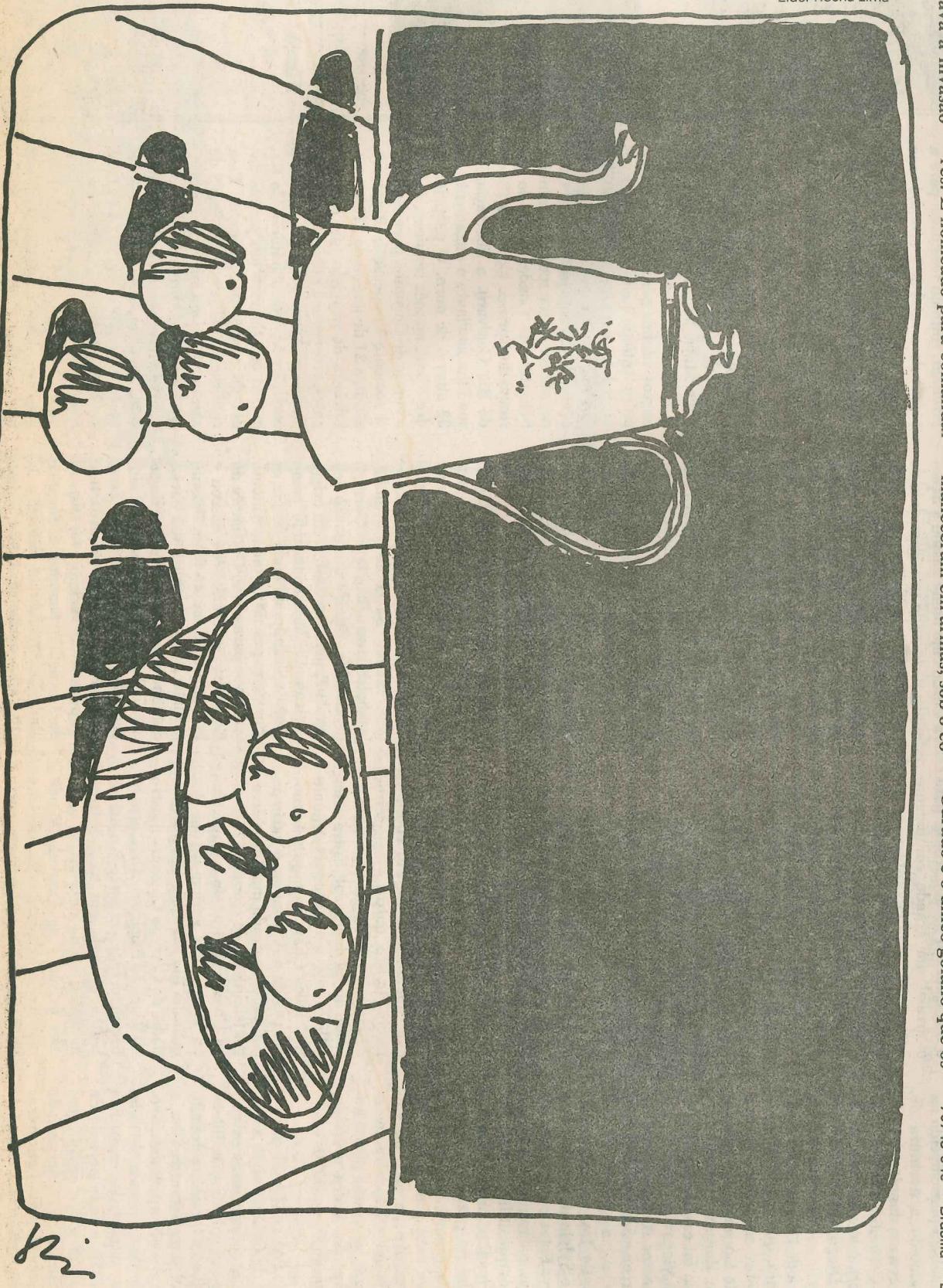
tirada de D. Pedro I, ocupando, os restos mortais foram trasladados das catacumbas da Igreja de São Francisco de Pádua para um jazigo perpétuo mandado construir por D. Pedro II, no Cemitério de São Francisco de Pádua, no Rio de Janeiro. Uma homenagem ao mérito.

Um exemplar ciclo de vida

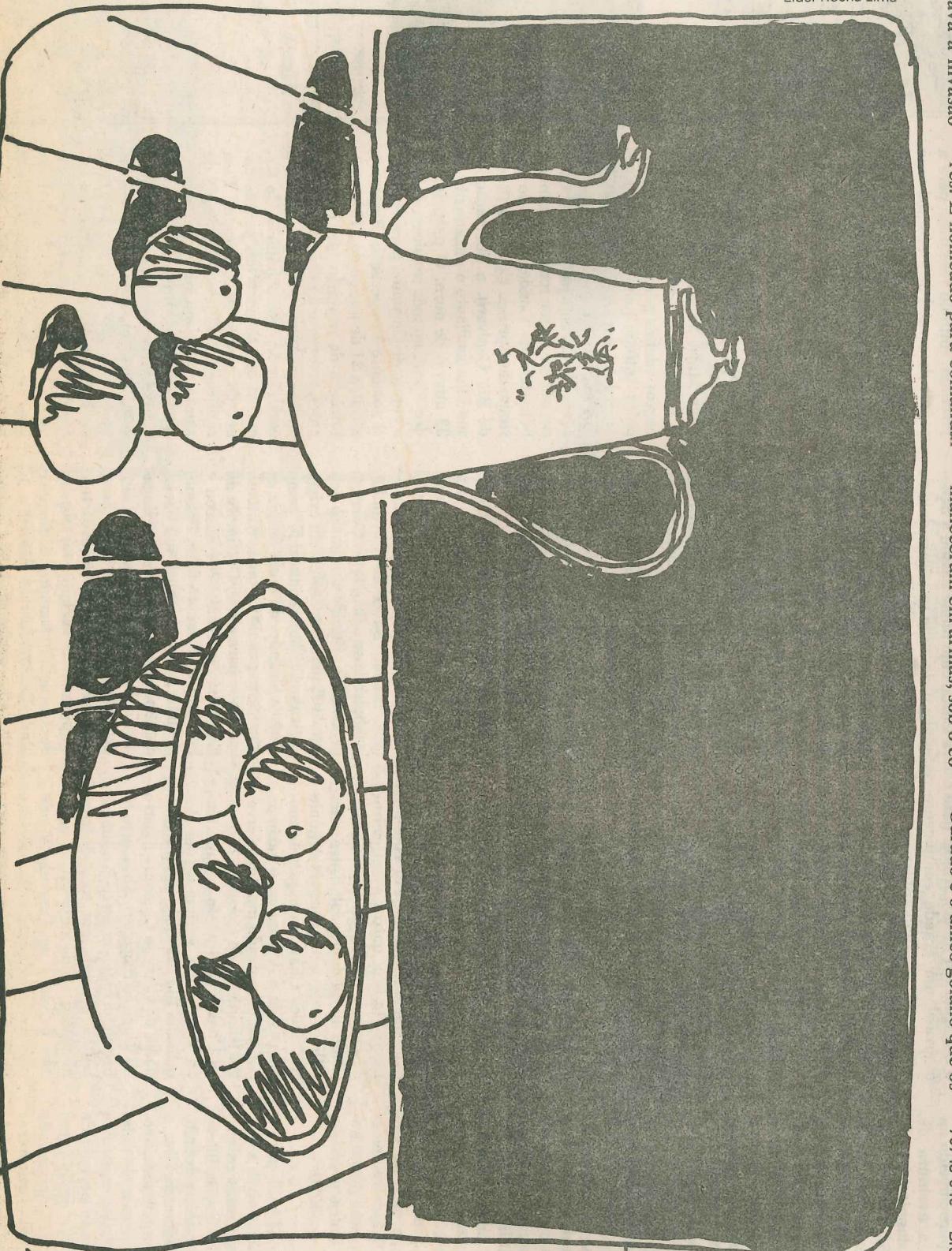
que hoje, 250 anos depois, vale

relembrar pela luz que ainda irradia. Eis o conde que nasceu em Pirenópolis.

\* O general Alberto Martins da Silva é médico e historiador, autor de vários livros, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e do Instituto Histórico e Geográfico Militar do Brasil. Endereço para correspondência: S/N 205, bloco "D" — Aptº 303 70743-040 — Brasília — DF.



Elder Rocha Lima



território que hoje constitui o Estado de Goiás começou a ser penetrado por expedições setanistas a partir de 1590. Essas Bandeiras, organizadas principalmente em São Paulo, vinham em busca de indígenas para escravizar e simultaneamente também à procura de ouro. Segundo Americano do Brasil, das Bandeiras que estiveram em solo goiano no início do século XVIII muitas nos são hoje desconhecidas por faltarem registros documentais. É a uma dessas expedições ignoradas por nossos historiadores que refere-se a tradição oral corumbáense. Segundo essa fonte, em meados da década de 1710 chegou à confluência do Córrego do Almoço no Rio Corumbá, local esse não muito distante da nascente do rio), uma Bandeira portuguesa Mafra e seus escravos, que alcançaram a região depois de atravessarem o sertão baiano. Esses hispanos garimparam em alguns pontos do Rio Corumbá e de seus afluentes, tendo realizado uma obra de vulto ao sacarem a cachoeira desse rio, desvianto suas águas para um ribeirão próximo que ganhou por isso o nome de "Rasgão", a fim de garimparem nos poços situados acima e abaixo desta cascata. Porém, questões familiares e conflitos com os novos garimpeiros que a partir do final da década de 1720 alcançaram essa região, levaram os Mafra a retornarem a Portugal, conduzindo consigo grande quantidade de ouro.

#### O ENIGMA DOS MAFRAS

É possível que alguns agregados dos Mafra tenham permanecido na região e relatado a aventura de seus senhores a um dos pioneiros do Arraial de Corumbá (e seu provedor fundador), o bandeirante de Jacecari, (SP), Diogo Pires Moreira. O certo é que foram os descendentes de uma irmã de Diogo, Andreléa da Silva Moreira, que transmitiram a narrativa sobre os Mafra e sobre a fundação de Corumbá, de geração em geração, durante quase 2 séculos. Andreléa foi casada com o português José Viegas de Atayde e um dos seus trinetos, Antônio Viegas de Atayde, narrou esses fatos (no início deste século), a José Ardelino Fleury Curado, José Herculio Curado Fleury e Sylvio do Rosário Curado. Estes por sua vez registraram as narrativas de Viegas em trabalhos que utilizaram meu livro, ainda inédito, sobre a história de Corumbá no período colonial. Porém, se a expedição dos Mafra não resultou num processo de povoamento efetivo do vale do Corumbá, uma outra Bandeira conseguiu a realizar tal missão pouco antes do retorno dos Mafra, ocorrido, segundo a tradição, em 1730.

#### O AVANÇO PAULISTA

O sertão de Goiás já vivia a essa altura dos acontecimentos os primeiros de sua colonização, iniciada em 1726 com o retorno definitivo de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, a essas paragens, agora revestido de poderes a ele delegados pelas autoridades reais. E a partir de 1727, a cada período de seca, passaram a ser organizadas novas bandeiras no Arraial de Sant'Ana objetando encontrar novas jazidas auriferas. Uma dessas

empresas foi organizada em 1729 tendo à frente o paulista Manoel Dias da Silva, resultando dessa expedição a descoberta dos veios auriferos do Rio Corumbá nas proximidades do local onde erguiriam então o arraial de Santa Cruz. Nossas pesquisas sobre a tradição oral e nos arquivos eclesiásticos de Meia-Ponte, atual Pirenópolis, levaram-nos a concluir que a vanguarda da bandeira de Dias da Silva avançou então, como era costume em tais casos, em busca da mais alta cabeceira desse rio. Entretanto, antes de alcançá-la, seus componentes descobririam na confluência do Ribeirão Bagagem no Rio Corumbá os levo a ergirem, as margens desse manancial, uma ermida e os seus ranchos, dando origem ao povoado de Corumbá. Comprunham essa extensa hidrografia mais distantes do Rio Corumbá, o arraial homônimo, no qual esse não muito distante da nascente do rio), uma Bandeira portuguesa Mafra e seus escravos, que alcançaram a região depois de atravessarem o sertão baiano. Esses hispanos garimparam em alguns pontos do Rio Corumbá e de seus afluentes, tendo realizado uma obra de vulto ao sacarem a cachoeira desse rio, desvianto suas águas para um ribeirão próximo que ganhou por isso o nome de "Rasgão", a fim de garimparem nos poços situados acima e abaixo desta cascata. Porém, questões familiares e conflitos com os novos garimpeiros que a partir do final da década de 1720 alcançaram essa região, levaram os Mafra a retornarem a Portugal, conduzindo consigo grande quantidade de ouro.

#### O ENIGMA DOS MAFRAS

É possível que alguns agregados dos Mafra tenham permanecido na região e relatado a aventura de seus senhores a um dos pioneiros do Arraial de Corumbá (e seu provedor fundador), o bandeirante de Jacecari, (SP), Diogo Pires Moreira. O certo é que foram os descendentes de uma irmã de Diogo, Andreléa da Silva Moreira, que transmitiram a narrativa sobre os Mafra e sobre a fundação de Corumbá, de geração em geração, durante quase 2 séculos. Andreléa foi casada com o português José Viegas de Atayde e um dos seus trinetos, Antônio Viegas de Atayde, narrou esses fatos (no início deste século), a José Ardelino Fleury Curado, José Herculio Curado Fleury e Sylvio do Rosário Curado. Estes por sua vez registraram as narrativas de Viegas em trabalhos que utilizaram meu livro, ainda inédito, sobre a história de Corumbá no período colonial. Porém, se a expedição dos Mafra não resultou num processo de povoamento efetivo do vale do Corumbá, uma outra Bandeira conseguiu a realizar tal missão pouco antes do retorno dos Mafra, ocorrido, segundo a tradição, em 1730.

#### O AVANÇO PAULISTA

O sertão de Goiás já vivia a essa altura dos acontecimentos os primeiros de sua colonização, iniciada em 1726 com o retorno definitivo de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, a essas paragens, agora revestido de poderes a ele delegados pelas autoridades reais. E a partir de 1727, a cada período de seca, passaram a ser organizadas novas bandeiras no Arraial de Sant'Ana objetando encontrar novas jazidas auriferas. Uma dessas

que a bacia desse ribeirão não foi somente uma das primeiras a ser garimpada, mas também a mais intensamente vasculhada pelos mineiros e a única da qual sabemos o nome de pelo menos um empresário de cada garimpo. Mais tarde os garimpeiros alcançaram outras bacias hidrográficas mais distantes do arraial de Corumbá: as dos rios do Ouro, Capivari, Areias e Verde, totalizando 98 garimpos na região da Capela de Corumbá, dos quais 37 situados entre a nascente do Rio Corumbá e o arraial homônimo, no chamado tronco central da Bacia do Corumbá.

Com o objetivo de ajudar no abastecimento de viveres, surgiram agricultoras na região de Corumbá. Alguns foram legalizados em 1739 através da obtenção de Cartas de Sesmaria concedidas ao Capitão Diogo Pires Moreira, ao Padre Manoel de Souza Soares, a Gaspar Soares Garcia e a Severino de Abreu Lima, Gaspar e Gregorio Lumbria além de seus cativos. Esses bandeirantes eram todos paulistas e aparentados entre si e com o guarda-mor Manoel Dias da Silva, a quem cabia repartir as minas das talados em mananciais próximos ao arraial por eles iniciado. Diogo garimpou no Rio Corumbá e no Ribeirão Bagagem, Estanislau nos ribeiros Bagagem e Baião, sendo que nesse último curso d'água também garimparam Feliciano e Gaspar. Cavalheiro tinha o seu garimpo num dos afluentes do Bagagem e ganhou o seu nome. A notícia da descoberta de ouro no Corumbá e em alguns de seus tributários (como o Bagagem e o Baiao), trouxe para o arraial um grande contingente humano. Como demonstram os arquivos eclesiásticos, a chegada de imigrantes do distrito corumbáense foi uma constante durante todo o século XVIII. Além de moradores dos arraiais goianos de Meia Ponte, Traíras, Santa Luzia e da capital (Vila Boa), também vieram para Corumbá portugueses, mineiros, cariocas, baianos, pernambucanos, matogrossenses, indígenas da região litorânea e africanos de algumas tribos, sendo que esses dois últimos grupos na condição de escravos.

#### AS GRANDES FÁBRICAS DE MINERAIS

É interessante notar que, apesar dos pioneiros de Corumbá serem paulistas, os maiores empresários da mineração em nossa região eram portugueses. O mais antigo deles foi o Sargento-Mor Antônio de Oliveira Costa, cujo nome passou a denominar o rio onde existiu an-

tos garimpos. Oliveira Costa possuía ainda outros sete garimpos espalhados em alguns tributários desse rio, sendo que nas proximidades de um deles, o Córrego Coronel, Antônio mandou edificar sua residência, de onde comandava os garimpos. É possível que esses garimpos permanecessem sob a administração de sua viúva após a sua morte ocorrida em 1735. Prova disso é que ela pôde mais tarde enviar um dos seus filhos para estudar em Coimbra e até meados do século XX ainda viviam na fazenda banhada pelo córrego Coronel alguns descendentes legítimos do Sargento-Mor Oliveira Costa, aliás, com as mesmas características físicas dos seus antepassados.

Mas o maior mineiro da região de Corumbá foi o Sargento-Mor Antônio José de Campos. Segundo a tradição recebeu ele em Portugal o roteiro das minas dos Mafra e uma vez na Bacia do Corumbá, estabeleceu-se defronte ao Córrego da Euzebia, situado um pouco acima da Tapera dos Mafra. Ali erigiu um casarão, hoje conhecido como Tapera Grande, de onde dirigiu os seus garimpos. Mais tarde Antônio mudou-se para o sítio Cachoeira do Corumbá onde em 1764 nasceu e foi batizado o seu 4º filho. Possuiu também lavras auríferas nas hachas do Córrego Chaveiro e outro no Ribeirão Bagagem. Aliás, esse ribeirão foi batizado em toda a sua extensão e ainda em três de seus afluentes, sendo notáveis os vestígios deixados na Fazenda Venda Nova, nas proximidades da nascente do Bagagem. É interessante notar

# Memória do

A mineração em Corumbá e os minerares do século 18, e relaciona diversas informações raras

que a bacia desse ribeirão não foi somente uma das primeiras a ser garimpada, mas também a mais intensamente vasculhada pelos mineiros e a única da qual sabemos o nome de pelo menos um empresário de cada garimpo. Mais tarde os garimpeiros alcançaram outras bacias hidrográficas mais distantes do arraial de Corumbá: as dos rios do Ouro, Capivari, Areias e Verde, totalizando 98 garimpos na região da Capela de Corumbá, dos quais 37 situados entre a nascente do Rio Corumbá e o arraial homônimo, no chamado tronco central da Bacia do Corumbá.

Com o objetivo de ajudar no abastecimento de viveres, surgiram agricultoras na região de Corumbá. Alguns foram legalizados em 1739 através da obtenção de Cartas de Sesmaria concedidas ao Capitão Diogo Pires Moreira, ao Padre Manoel de Souza Soares, a Gaspar Soares Garcia e a Severino de Abreu Lima, Gaspar e Gregorio Lumbria além de seus cativos. Esses bandeirantes eram todos paulistas e aparentados entre si e com o guarda-mor Manoel Dias da Silva, a quem cabia repartir as minas das talados em mananciais próximos ao arraial por eles iniciado. Diogo garimpou no Rio Corumbá e no Ribeirão Bagagem, Estanislau nos ribeiros Bagagem e Baião, sendo que nesse último curso d'água também garimparam Feliciano e Gaspar. Cavalheiro tinha o seu garimpo num dos afluentes do Bagagem e ganhou o seu nome. A notícia da descoberta de ouro no Corumbá e em alguns de seus tributários (como o Bagagem e o Baiao), trouxe para o arraial um grande contingente humano. Como demonstram os arquivos eclesiásticos, a chegada de imigrantes do distrito corumbáense foi uma constante durante todo o século XVIII. Além de moradores dos arraiais goianos de Meia Ponte, Traíras, Santa Luzia e da capital (Vila Boa), também vieram para Corumbá portugueses, mineiros, cariocas, baianos, pernambucanos, matogrossenses, indígenas da região litorânea e africanos de algumas tribos, sendo que esses dois últimos grupos na condição de escravos.

#### AS GRANDES FÁBRICAS DE MINERAIS

É interessante notar que, apesar dos pioneiros de Corumbá serem paulistas, os maiores empresários da mineração em nossa região eram portugueses. O mais antigo deles foi o Sargento-Mor Antônio de Oliveira Costa, cujo nome passou a denominar o rio onde existiu an-

tos garimpos. Oliveira Costa possuía ainda outros sete garimpos espalhados em alguns tributários desse rio, sendo que nas proximidades de um deles, o Córrego Coronel, Antônio mandou edificar sua residência, de onde comandava os garimpos. É possível que esses garimpos permanecessem sob a administração de sua viúva após a sua morte ocorrida em 1735. Prova disso é que ela pôde mais tarde enviar um dos seus filhos para estudar em Coimbra e até meados do século XX ainda viviam na fazenda banhada pelo córrego Coronel alguns descendentes legítimos do Sargento-Mor Oliveira Costa, aliás, com as mesmas características físicas dos seus antepassados.

Mas o maior mineiro da região de Corumbá foi o Sargento-Mor Antônio José de Campos. Segundo a tradição recebeu ele em Portugal o roteiro das minas dos Mafra e uma vez na Bacia do Corumbá, estabeleceu-se defronte ao Córrego da Euzebia, situado um pouco acima da Tapera dos Mafra. Ali erigiu um casarão, hoje conhecido como Tapera Grande, de onde dirigiu os seus garimpos. Mais tarde Antônio mudou-se para o sítio Cachoeira do Corumbá onde em 1764 nasceu e foi batizado o seu 4º filho. Possuiu também lavras auríferas nas hachas do Córrego Chaveiro e outro no Ribeirão Bagagem. Aliás, esse ribeirão foi batizado em toda a sua extensão e ainda em três de seus afluentes, sendo notáveis os vestígios deixados na Fazenda Venda Nova, nas proximidades da nascente do Bagagem. É interessante notar

#### RAMIR CURAD

A mineração de ouro em Corumbá de Goiás foi subavaliada por fontes documentais, que Corumbá talvez tenha sido um dos primeiros a ser explorado no Brasil.

Entre outros fatos inéditos, revela que o recém-criado município de Corumbá, juntamente com o vizinho de Poconé, era o maior produtor de ouro no Brasil, com uma produção anual de 100 toneladas de ouro, o que representava cerca de 50% da produção brasileira de ouro naquela época.

As minas de Corumbá eram

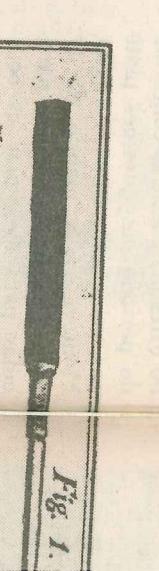


Fig. 1. Representação ou perfil de humeira.



Fig. 2. Alabanca.



Fig. 3. Almoço.



Fig. 4. Almoço.



Fig. 5. Almoço.



Fig. 6. Almoço.



Fig. 7. Almoço.



Fig. 8. Almoço.



Fig. 9. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 10. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 11. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 12. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 13. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 14. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 15. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 16. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 17. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 18. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 19. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 20. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 21. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 22. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 23. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 24. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



Fig. 25. Cozinha seca de terra ver lata d'água.



# do Planalto

## Cumbá no período colonial

lha navalizada pelos antigos cronistas. Ramir Curado, um dos artigo (fruto de diversas pesquisas na tradição oral e nas siso um dos principais distritos minerários da Capitania

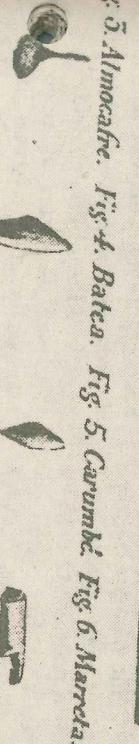
ido município de Cocalzinho-GO já fora vasculhado pelos

informações raras sobre as *Datas de Terras e Aguas Minerais*.

### CURADO

*Fig. 1. Verruma p. sondar o río, e examinar as rochas.*

*Fig. 2. Almofafe. Fig. 4. Batte. Fig. 5. Carumbá. Fig. 6. Marreta.*



do garimpado por Diogo Pires Moreira nos primórdios do arraial.

A SOCIEDADE DE COCALZINHO

Na década de 1770 a região do Distrito do Arraial de Corumbá viveu uma fase de transição econômica. O número de escravos decretou, principalmente os importados. Enquanto na sua parte meridional (abaixo do arraial) surgiam várias fazendas dedicadas à agricultura, no vale do Bagagem e nas proximidades da nascente do Rio Corumbá, a mineração ainda era intensa.

Dos empreendimentos de prospec-

ção de ouro dessa época, o de maior

monta foi o organizado nas lavras

do Córrego Cocal e em suas adja-

cências. Nesse local foi constituída

em 1779 uma sociedade de minera-

ção da qual tomaram parte João Pe-

reira Guimarães, João de Paiva Pe-

reira e o Capitão Felisberto Ribeiro

Ribas. De acordo com o contrato

por eles firmado, cada socio deve-

reito de exploração haviam obtido

na Superintendência Geral das Minas

Terras x Águas Minerais das Minas

de Goiás. Essa concedeu-lhes nos 3

córregos setenta *Datas de Terras e*

*Águas Minerais*, das quais tomaram

posse pela Guardamoria das Minas

de Melo Ponte.

É interessante notarmos que, 4

anos depois, em 1783, (segundo

Paulo Bertran), João Pereira Gui-

marães encontrava-se dirigindo um

garimpo em Santa Luzia. Teria ele

abandonado as lavras do Cocal? Ou

estaria administrando simultanea-

mente os dois Garimpos? A verdade

é que, a partir da década de 1780 a

mineração entrou em declínio, não

só na região de Corumbá como

também no restante da Capitania.

Isto ocorreu devido a uma série de

fatores entre os quais merecem ser

destacados a utilização de técnicas

rudimentares, a falta de um proce-

so mais racional nos trabalhos de

prospecção, a utilização extrema-

mente intensiva da mão-de-obra es-

crava e o não revestimento dos lu-

cros obtidos nos garimpos por parte

dos mineiros e a legislação que re-

gitava as minas, cujo caráter essencial-

mente fiscal demonstra a visão es-

treita dos governantes durante o

período colonial.

RESTOS DA MINERACÃO

Uma amostra do decínio da mi-

neração no Distrito de Corumbá no

início do século XIX foi a doação,

efetuada em 1813 pelos sócios re-

manescentes das minas do Cocal,

Felisberto Ribeiro Ribas e Perpe-

tua Maria Coelho, das terras da

Vargem da Canga ao Padre Jerony-

mo José de Campos, filho do

Sargento-Mor Antônio José de

Campos. O motivo dessa doação

era que eles haviam "Desistido da

atividade de Minerar", enquanto

que aquele sacerdote, além de pos-

suir suas terras misturadas com as

doadores, ainda possuía seu ser-

viço (de garimpo) aberto, "No qual

decadêncio dos garimpões ainda em

attivitàde aquela época era tão ace-

lerado que, cinco anos depois, em

junho de 1818, Saint-Hilaire encon-

trou nas minas do Cocal apenas um

fascador: — "Era um negro velho

de alguns deles pudemos obter

a Carta de Datas de Terras e

Águas Minerais concedidas aos

seus proprietários. Esse num-

erário, pelo menos em termos quan-

tativos, pode ser considerado

indo até perto do pôco que havia sido  
do garimpado por Diogo Pires Moreira nos primórdios do arraial.

A SOCIEDADE DE COCALZINHO

Na década de 1770 a região do Distrito do Arraial de Corumbá viveu uma fase de transição econômica. O número de escravos decretou, principalmente os importados. Enquanto na sua parte meridional (abaixo do arraial) surgiram várias fazendas dedicadas à agricultura,

no vale do Bagagem e nas proximidades da nascente do Rio Corumbá, a mineração ainda era intensa. Dos empreendimentos de prospec-

ção de ouro dessa época, o de maior

monta foi o organizado nas lavras

do Córrego Cocal situadas nas proximidades de Cocalzinho, município instado neste ano de 1993. A minera-

ção, entretanto, não havia desaparecido totalmente do Distrito de Corumbá. Em sua estada no arraial no ano de 1923, o Brigadeiro Cunha Matos diz que os moradores dessa localidade dedicavam-se a uma mineração muito resumida. É que essa atividade econômica há muito deixava de ser o sustentáculo da população comunitária corumbaense, como constatara em 1812 o Padre Silva e Souza: Corumbá era então um dos únicos arraiais goianos com atividade agropastoril e artesanal geradora de um excedente capaz de abastecer a Capitania de Goiás com fumo, toucinho e panos de algodão.

DISCORDÂNCIAS

A partir do inicio do presente século foram realizadas muitas pesquisas sobre a história de Corumbá. E que refere-se a mineração, seus autores foram unâmes em afirmar a importância dos garimpos corumbaenses durante o período colonial. Foram eles os senhores Antônio Felix Curado, José Hercílio Fleury, Sylvio do Rosário da Fonseca e Silva, Benedito Odilon Rocha, Jarbas Jayme, Otton Gáudie, José Ardelino Curado, E., mais recentemente, Paulo Bertran. Existem porém dois outros estudiosos que afirmam de modo diverso. O primeiro deles é um pesquisador da Codeplan que em 1981, num estudo sobre Corumbá afirmou que a riqueza resultante da exploração das minas corumbaenses "foi incipiente". O outro é Agnelo Arlington F. Curado. E., mais recentemente,

existiu um total de 33.000m<sup>3</sup> de material. Dessa forma afirma ele: "Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

Outro geólogo que esteve visitando os vestígios dos antigos garimpos corumbaenses foi Tadeu Veiga, de

material. Dessa forma afirma ele: "Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

Outro geólogo que esteve visitando os vestígios dos antigos garimpos corumbaenses foi Tadeu Veiga, de

material. Dessa forma afirma ele:

"Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

O estudo de Tadeu Veiga, de

material. Dessa forma afirma ele:

"Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

O estudo de Tadeu Veiga, de

material. Dessa forma afirma ele:

"Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

O estudo de Tadeu Veiga, de

material. Dessa forma afirma ele:

"Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

O estudo de Tadeu Veiga, de

material. Dessa forma afirma ele:

"Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

O estudo de Tadeu Veiga, de

material. Dessa forma afirma ele:

"Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

O estudo de Tadeu Veiga, de

material. Dessa forma afirma ele:

"Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

O estudo de Tadeu Veiga, de

material. Dessa forma afirma ele:

"Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

O estudo de Tadeu Veiga, de

material. Dessa forma afirma ele:

"Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

O estudo de Tadeu Veiga, de

material. Dessa forma afirma ele:

"Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

O estudo de Tadeu Veiga, de

material. Dessa forma afirma ele:

"Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

O estudo de Tadeu Veiga, de

material. Dessa forma afirma ele:

"Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

O estudo de Tadeu Veiga, de

material. Dessa forma afirma ele:

"Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

O estudo de Tadeu Veiga, de

material. Dessa forma afirma ele:

"Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

O estudo de Tadeu Veiga, de





tenacidade. O escritor, lexicó-

grafo e diplomata goiano Wil- liam Agel de Melo, apaixonado pela Provence, por seu povo e por sua língua, publicou um Di- cionário Provençal-Portu-

guês/Português - Provençal, conforme figura na relação de suas obras na página 8 do seu Dicionário Português-Romeno (Editora Oriente, Goiânia, 1978).

Para realizar meu trabalho,

contei com a solidariedade gentileza de pessoas como o Padre Jean Moulin (Bispado de Grenoble), que pediu ao Padre Jean Godel

(Diocese de Grenoble, Paró- quias de Saint-Ismier e de Saint-Nazaire-Les-Eymes), que pediu ao Padre Chapel.

Prudhomme de Saint-Jean de Moirans, que pediu a sua mãe,

em idade avançada, que recon-

tituisse para mim a Ave-Maria e o Pai-Nosso em patois delfinês.

E assim vimos alargando as

fronteiras da România — esse

território não-contímparo que abriga a comunidade das popu-

lações que falam línguas e diale-

tos românicos. (A própria comu-

nidade se chama România.)

Mergulhei então, com paixão e

prazer, nos domínios da latini-

dade. E fiz descobertas real-

mente emocionantes.

O papimento, que é uma cu-

riosa mistura linguística (espa-

nhol, português, inglês, holan-

dês e dialetos africanos), um co-

quetel de línguas, falado em Cu-

racão e em Aruba.

Os caprichos da política: a

língua falada na Moldávia (ex-

república da ex-União Soviética)

é o romeno, mas de 1944 e

1989 ela foi escrita em alfabeto

círlico, como se fosse uma outra língua.

A luta de Cantalausa (vigário de Rodez), do grupo que edita a revista Lôu Felibrige, em Toulon, do Professor Pierre Bonnaud (do Cercle Terre d'Avvergne), da Lia Rumantscha, em Coire, Suíça, do Office Ré-

gional de la Culture (Consel

Régional Provence-Alpes-Côte

d'Azur) e de muitos outros que lutam pela defesa, ilustração e

difusão das línguas regionais.

E dizer que várias dessas lí-

nguas e dialetos estão seriamente ameaçados de desaparecimen-

to. Cada língua e dialeto que desaparecem significa a perda

de um precioso tesouro da hu-

manidade. Inegavelmente a lin-

guagem é a mais importante in-

venção humana. Cada palavra

de uma língua é o resultado de

uma experiência única, inali-

nável, jamais repetida. Quando

Urdina Burbur, o último falante

do dálmatas, morreu, levou con-

sigo todo o patrimônio cultural

e todas as emoções de um povo.

As línguas pertencem ao pa-

trimônio da humanidade, e ne-

nhuma língua é pobre nem in-

significante. Cada língua sabe

exprimir — à sua maneira — o

amor, a paixão, a ternura, a soli-

\*ADOLVALDO FERNANDES SAMPAIO

é Diretor de Ação Cultural da Funda-

ção Pedro Ludovico.

Endereço para correspondência: Caixa

Postal 5284 CEP: 74025-971 Goiânia-

GO.



Já nos anos 1980 surgiu o prof. Aldair da Silveira Aires, ilustre poeta e literato, fundador em Goiânia e Brasília dos restaurantes "Forno de Barro", que definitivamente divulgaram a culinária goiana em seus aspectos mais exóticos: peixe na telha, guaraná na manteiga e outros.

#### ORIGENS REMOTAS

A culinária goiana e a mineira divergem em detalhes e em alternativas combinantes, parecendo-me que devem pouca às indígenas.

Provêm ambas de uma raiz exótica no norte de Portugal. Segundo Oliveira Marques, para ali chegaram, em algum momento dos anos 1500, sementes de milho provenientes da América. Adaptou-se extraordinariamente o milho entre Douro e Minho e nos anos 1600 suplantaria o plantio imemorial de cevada e aveia e lançaria os fundamentos para uma nova civilização americana. Importada e amalgamada na Lusitânia e então reexportada para o Brasil junto

com o português colonial nortinho, vindo para as minas brasileiras no século XVIII. E aqui novamente readaptada, ou mais provavelmente reencontrada e aglutinada na cozinha e na alcova do glutão lusitano pelas matrarcas paulistas com quem usualmente se casavam. Uma civilização do milho? Por quê?

Por que resulta num delírio protético fundado no trinomio vegetal e inocente do milho, feijão, e abóbora, como até a poucos anos se comia e se plantava nas roças de coivara de todo o Brasil Central.

E que com o milho cria-se o suíno que fornece carne, toucinho e banha. Com milho cria-se o galináceo prolífico, e dele vem a mesa abundante de frangos, de ovos. Com o milho os fornos e panelas enchem-se de bolos, de broas, curaus, paninhos, pipocas. Jacy Siqueira denuncia o exagero de as famílias goianas fazerem até 4 paçoca em que o milho é verde. E o índio, conhecia o milho, mas não suas consequências alimentares protéticas.

Até há poucos anos atrás vinham-se projectos fazendeiros do cerrado medindo com semblantes carregados as estripulias do tempo sobre as bonecas de milho. Ano de pouco milho, ano de carestia, poucos leitões, poucos ciscantes. E ano de espigas bojudas, deitando farta cabeleira loira, ano

risonho e festivo, esteiado em sólido pãoi cheio de milho até o teto, grandeza e porvir de um viver humilde e aldeão.

Escrevia D. Cora, já muito velhinha, e que em dias de Póster, perambulava pela vastidão de sua casa em ruínas sobre a ponte do Telles, bebendo Coca-Cola com analgésicos em comprimido:

"O que me planta não levanta comércio nem avantaja dinheiro.

Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paixões.

Sou o cocho abastecido donde rumina o gado.

Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece.

Sou o cacarejo alegre das poeiras à volta dos seus ninhos.

Sou a pobreza vegetal agradecida a vós. Senhor, que me fizestes necessário e humilde.

Sou o milho.

**PEIXES E FRUTEIRAS**

Quanto a peixes, aqui no sertão, o consumo, ainda que sem

certo a pescaria foi e é um esporte apreciado no sertão,

motivo de longos causos de conversa à toa.

Frutas. Comeu-se e come-se do que dá a seara dos cerrados.

E importouse de tudo, do mundo inteiro. Em 1801 o governador João Manuel de Melo nezes lançou os fundamentos de um Horto Botânico em Vila Boa, para onde trouxe provenientes da Índia, mudas de canela e sementes de manga, acondicionadas em caixas com areia. Trouxe mais consigo de Lisboa, por determinação Real, exemplares de um livro, chamado "O Fazendeiro do Brasil" para ser vendido em Goiás.

Os Vilaboenses devem ter ficado

Ihlo, poluído de mercúrio ao tempo. E hoje de novo, mais e mais.

Peixe seco, por certo, cuja farinha compõe bem no farmel sertanejo. Em começos do século XX, Eurídice Natal já informa de matança de peixes a bomba, no inexplorável Araguaia.

Porém, se não o peixe, por certo a pescaria foi e é um esporte apreciado no sertão, motivo de longos causos de conversa à toa.

Frutas. Comeu-se e come-se do que dá a seara dos cerrados.

E importouse de tudo, do mundo inteiro. Em 1801 o governador João Manuel de Melo nezes lançou os fundamentos de um Horto Botânico em Vila Boa, para onde trouxe provenientes da Índia, mudas de canela e sementes de manga, acondicionadas em caixas com areia. Trouxe mais consigo de Lisboa, por determinação Real, exemplares de um livro, chamado "O Fazendeiro do Brasil" para ser vendido em Goiás.

Os Vilaboenses devem ter ficado

quenos calados. À boca pequena deveriam chamarlo "governador dos livros", se bem intervir a malícia cabocla.

Frutas plantadas sim, de procedências diversas. E nesse caso convide o leitor a ir comigo à tapera onde foram as casas de Abílio Drumond, morto em 1928 e inventariado em 1931, com seus quintais abandonados em um canto do meu sítio do calzinho, Goiás.

Meio ambiente em movimento, antrópico e depois anantrópico, uma lição prática de Ecologia.

Sobrou, por exemplo, (que não é fruta, mas madeira) a cruz de pau d'arco lavrado, marcando, à vista das ruínas, o local onde enterrou-se o Drumond. A madeira facincentou, adquiriu uma textura pétrea e nesses 60 anos a chuva e o sol vão fazendo seu serviço, justo corroendo no entalhe do braço, obra humana contra as leis da gravidade.

Mais adiante há o entulho da casa. Pedaços carcomidos de madeira, a cebola de um esteio, algum barro do que um dia fo-

dois velhos e enormes pés que desde o tempo do Abílio praguejaram terra abaixo, e de que se conta hoje geração de umas 200 ou 300 goiabeiras-filhas, tudo de espontânea brotação no abandono do quintal.

Lá algures, em algum romântico de Agripa Vasconcelos, existir em lugares de antigas tapeiras junto ao Rio de São Francisco veradeiras matas de goiabeiras.

E João Francisco Neto, ilustrador consultor sobre coisas ambientais, garante ter topado nas brenhas setecentistas de Trárias e Niquelândia, matinhos de li-

mão galego vencendo o sarobá das capoeiras.

Da goiaba não estou certo quanto à origem, mas eis que em menos de três séculos, fruteras de origem asiática, como o limoeiro e a laranjeira, por excelência adaptativa, sobreviveram em muito aos homens que as plantaram.

E por que abandonou-se a casa e o quintal de Abílio Drumond, de raça cigana, e de sua mulher a Teodora Coelho de Figueiró, esta de imemorial ascendência paulista, posto que quatrocentona?

Lepra. Que, diziam antigamente, vinha de comer peixe.

Doengas antigas, meio ambiente novo antropizado, alienados novos, dietas estranhas ao colonizador. O homem, como a vaca, (diria Ana Primavesi)

é o que come e bebe?

E antigamente o que se comia só dali saía, da natureza geológica complexa dos solos de cerrado, afetando seus frutos de comer, afetando genomas,

apressando a evolução, alterando fisicamente e psicologicamente o imigrante, sua prole e a prole de outra prole.

Até irem adquirindo a cor pálida do solo, a prosódia local, os costumes, e a forma de fazer o de-comer. A culinaria, subprodutora do meio ambiente insaudável e da cultura humana possível.

Quem sabe se de cálculos inconscientes de uma alquimia ambiental?

do basbaques ao verem canoas com livros na importante frota que trouxe o governador, viajando custosa e perigosa, desde

Vasconcelos, em 1774. Existem diversos pedidos feitos à Câmara de Vila Boa para instalar

Belém do Pará, Rio Araguaia acina até o cais do Rio Verme. Ihlo em Goiás que, passando, já foi navegável para pe-

Drumond. Por ele passou o de comer, quase que o deviver, quase que o Abílio inteiro, de o ameio da roça até a seva dos porcos. Abílio auto-suficiente, subsistente, pobre. Feliz talvez? Ou isso é termo que não se lembra quando faz-se, é?

Sigamos para o pomar. Duas ou três limeiras anciãs que dão hoje umas poucas limas minúsculas, messe degenerada das velhas árvores.

E o quintal de goiabeiras. Há dois velhos e enormes pés que desde o tempo do Abílio praguejaram terra abaixo, e de que se

conta hoje geração de umas 200 ou 300 goiabeiras-filhas, tudo de espontânea brotação no abandono do quintal.

Lá algures, em algum romântico de Agripa Vasconcelos, existir em lugares de antigas tapeiras junto ao Rio de São Francisco veradeiras matas de goiabeiras.

E João Francisco Neto, ilustrador consultor sobre coisas ambientais, garante ter topado nas brenhas setecentistas de Trárias e Niquelândia, matinhos de li-

mão galego vencendo o sarobá das capoeiras.

Da goiaba não estou certo quanto à origem, mas eis que em menos de três séculos, fruteras de origem asiática, como o limoeiro e a laranjeira, por excelência adaptativa, sobreviveram em muito aos homens que as plantaram.

E por que abandonou-se a casa e o quintal de Abílio Drumond, de raça cigana, e de sua mulher a Teodora Coelho de Figueiró, esta de imemorial ascendência paulista, posto que quatrocentona?

Lepra. Que, diziam antigamente, vinha de comer peixe.

Doengas antigas, meio ambiente novo antropizado, alienados novos, dietas estranhas ao colonizador. O homem, como a vaca, (diria Ana Primavesi)

é o que come e bebe?

E antigamente o que se comia só dali saía, da natureza geológica complexa dos solos de cerrado, afetando genomas,

apressando a evolução, alterando fisicamente e psicologicamente o imigrante, sua prole e a prole de outra prole.

Até irem adquirindo a cor pálida do solo, a prosódia local, os costumes, e a forma de fazer o de-comer. A culinaria, subprodutora do meio ambiente insaudável e da cultura humana possível.

Quem sabe se de cálculos inconscientes de uma alquimia ambiental?

do basbaques ao verem canoas com livros na importante frota que trouxe o governador, viajando custosa e perigosa, desde

Vasconcelos, em 1774. Existem diversos pedidos feitos à Câmara de Vila Boa para instalar

Belém do Pará, Rio Araguaia acina até o cais do Rio Verme. Ihlo em Goiás que, passando, já foi navegável para pe-

\*PAULO BERTRAN é escritor e editor deste Suplemento.

Endereço para correspondência: SON

316 Bloco I, Ap. 504 CEP: 70.775.090

— Brasília-DF. O presente artigo consta de excertos do livro inédito "A Ilustração no Sertão: Fim de século na Capitania de Goiás."

**A**manhece o dia 21 de abril de 2010. Friozinho úmido bre toda a cidade. Daqui a pouco vai começar a festa do cinquentenário de Brasília.

Gustavo, meu neto, tem 21 anos, está um galau, mais alto que eu. Como se fosse uma ilha, vive cercado de garotas por todos os lados. Vou caminhando com ele pela orla pavimentada do Lago e na conversa eu lhe falo de minhas lembranças das comemorações dos 30 anos da cidade. Ele era tão pequeno, um pastelinho fofo, eu estava assunto a Secretaria de Cultura e Esporte do GDF.

Tempo bon, aquele. Foi um trabalho, mas consegui cumprir o que prometi. Agora que já passei dos setenta, posso dizer que valeu a pena.

Como a cidade se embelezou nesses anos! Era notória a preocupaçao geral com o anel de poeira que cercava o Plano Piloto. Havia quem temesse invadir a quem temesse invadir a estabeleceu a paz nas redondezas de Brasília e melhorou o padrão de vida da população; um trabalho profundo no campo social reduziu a migração antes existente e se alcançou um satisfatório equilíbrio demográfico que hoje permite vida confortável aos 4 milhões de habitantes do Distrito Federal.

Foi ótima a criação, no final do século, do novo subúrbio de Interlagos. Excelente opção residencial para a classe média, sufocada pela falta de perspectiva habitacional num Plano Piloto sem mais espaço. Realmente, Interlagos é hoje um gostosíssimo lugar para se viver, tem o jeitão dos melhores bairros do mundo. Belas casas sem muros, jardins que são tapetes relvados e uma vida sem sobressaltos. Tudo isso ligado ao centro de Brasília por formidável autoestrada que permite uma viagem segura em questão de vinte minutos.

Mas quanta coisa mais foi realizada de 90 para cá! Que beleza o metrô de superficie, que depois mergulha no Plano Piloto, e os bondinhos de cristal que serpenteariam, silenciosos, pelos gramados brasilienses, pelos Lá vão eles, rolando por uma paisagem exuberante.

Sobre paisagem, aliás, cabe um comentário. Em apenas 50 anos Brasília galgou todos os degraus de uma espécie de hierarquia ecológica urbana: de um descampado vermelho e árido tornou-se um jardim, depois virou parque e hoje é uma verdadeira cidade-bosque. Com isso, mantém e amplia sua liderança mundial em área verde por habitante, título honrosíssimo, além de ser autêntico privilégio

ser um só. Afinal, já há gente nossa em Marte e em Vênus e os fantásticos contatos com seres extraterrenos provam que não estamos só no Universo.

O Lago está que dá gosto. Completely limpo — trabalhoso caríssimo e difícil, concluído nos anos 90 —, é hoje um centro náutico e turístico de prestígio internacional. Tem quatro pontes e suas margens estão cheias de restaurantes bem cuidados, marinas públicas e estupendos pontos de visita obrigatória como a Ermida Dom Bosco. O "bateau mouche", um barco enorme, lindo e todo iluminado, sempre com baile a bordo, tornou-se uma grande atração da cidade. Melhor para os hóteis locais, que há anos vivem rindo de orelha a orelha.

Essa felicidade começou em 1993, em Montecarlo, quando Brasília foi escolhida como sede dos Jogos Olímpicos do ano 2000. Desde então a vida da cidade mudou completamente. De fato, o evento foi a coisa mais importante acontecida aqui até hoje. Não dá para esquecer a repercussão, Brasília em todas as manchetes do Planeta.

Embora já se tenham passado dez anos, todo mundo tem viva na memória a evidência de Brasília na imprensa mundial. E que ótimo desempenho tiveram nossos atletas! Também pudera, foram preparados durante oito anos com a melhor técnica e um entusiasmo que contagiou a alma brasileira. Resultado: subiram 194 vezes ao pódio, colando o Brasil em posição de destaque no cenário esportivo internacional. E que dizer da Vila Olímpica projetada por Niemeyer, agora um bairro lindo bucolico herdado das Olímpicas!

A cidade se consolidou e é hoje uma das mais bonitas do mundo. O Brasil cumpriu seu destino de nação grande, a humanidade deixou de lado a boçalidade da guerra, preferiu cuidar do progresso e finalmente vive em paz.

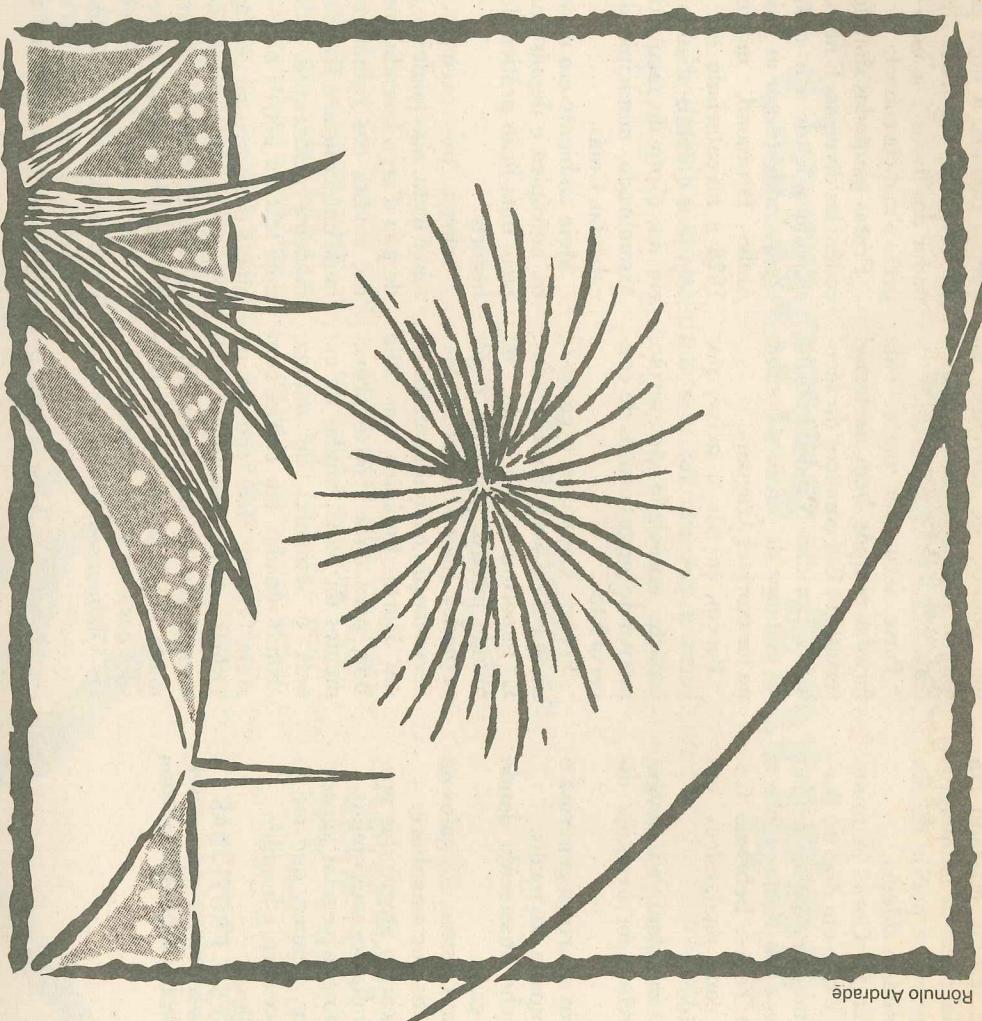
Brasília termina a primeira década do terceiro milênio no rumo místico que lhe está reservado. Há tranquilidade e esperança no futuro. Basta olhar de soslaio para Gustavo, bem a meu lado. Quanto a mim, conto com o avanço científico para, quem sabe, estar presente à festa do centenário em 2060...

De qualquer forma, só o fato de haver acreditado e trabalhado por Brasília já valeu toda uma vida.

16 abr 90

\*MÁRCIO COTRIM é ex-secretário de Cultura do DF e cronista com vários livros publicados. A presente crônica foi extraída do livro "O Sapato Alto e a Paz Mundial", Plural Editora, Brasília, 1992.

Endereço para correspondência: Correio Brasiliense — Setor de Indústrias Gráficas — Brasília-DF.



## Brasília, Cinquenta Anos

"A necessidade de reggatar o futuro e sua esperança em meio ao desalentamento do fim de século, leva aqui o escritor MÁRCIO COTRIM a exprimir seu desejo de utopia para Brasília.

**MÁRCIO COTRIM**

para seus moradores.

As superquadras — na verdade, cidadezinhas de cerca de 4 mil habitantes cada uma — finalmente se organizaram em prefeituras comunitárias. Elas promovem competições esportivas e culturais com suas cidades, irmãs, o que tem produzido estímulos torneios inter-blocos, inter-quadradas, inter-areas e inter-cidades, e como surgem novos talentos nessas ocasiões!

O problema da seca, que assolava a cidade durante a metade do ano, foi sensivelmente attenuado com o emprego da solução óbvia: água em abundância. Agora há centenas de chafarizes espalhados pelas quadras, eixos e esplanadas, e aspersores gigantes que espalham uma deliciosa nuvem d'água até o sexto andar dos edifícios. De noite o espetáculo é deslumbrante e surrealista: esse pó líquido é iluminado por holofotes coloridos, o que faz cair o queixo de quem chega à cidade e nem acredita no que vê.

Nesse contexto, o bombolé de Dona Sara ganhou o maior charme do Brasil. É como um cartão de visitas hidráulico aos que desembaram na cidade e logo todos contam com a importância

e como foi bonito ver a garotada de gorrinhos de lá descedendo de esqui os tobogãs e andando de trenó no Parque!

A propósito, o Parque Ecológico Norte é uma esplêndida realidade. A ala dos Estados — cada estado brasileiro miniaturizado, permitindo conhecer todos o Brasil a pé em poucos minutos — tornou-se a maior atração turística da cidade e uma das maiores do País. Brasília está ecologicamente madura.

Aqui, progresso e equilíbrio

ecológico convivem em harmonia, como recomenda o mais elementar bom senso.

Ainda neste ano será inaugurada a Disneylândia, nas imediações de Brasília. Nada mais logico, até pela privilegiada localização da cidade no mapa da América Latina. Nem é por outro motivo, também que Brasília foi cogitada para ser a capital do novo país que nascerá com o nome de América Meridional. Acabou sendo Quito, o que é compreensível, para não haver exagerado desequilíbrio político. Aliás, parece que vai dar muito certo essa união dos países latino-americanos — como deu na Europa, a partir de 1992. O mundo caminha para

de: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

Re: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

cas r: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

cas r: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

cas r: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

cas r: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

cas r: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

cas r: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

cas r: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

cas r: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

cas r: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

cas r: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

cas r: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

cas r: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

cas r: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

cas r: a) São Paulo b) Goiânia c) Minas Gerais d) Bahia e) Pe. f) Rio de Janeiro g) Maranhão

por demais sabido, a cultura europeia, portuguesa, chegou ao Brasil Central pelos pés e mãos do bandeirante paulista. No Estado de Goiás, pelo fato de serem originários de São Paulo os descobridores do ouro goiano e, dentre estes, o primeiro superintendente das Minas dos Goiases, corrente é afirmação de que o território goiano foi povoado por paulistas. Entretanto, até a presente data (dezembro de 1992) nenhum estudo ou levantamento foi feito, e que seja do meu conhecimento, comprovação dessa afirmação.

Na verdade, com relação a origens de correntes migratórias, nos séculos XVIII e XIX, cujo destino comum tenha sido o território de Goiás, nada se sabe. Entretanto, há uma obra que — pela segurança e sinceridade de seu autor, pela abundância de documentos nela extatados — oferece indícios razoáveis dessas correntes migratórias naqueles dois séculos: Famílias Pirenópolinas, de Jarbas Jayme, onde levantadas estão as árvores genealógicas de 139 famílias.

Procedendo à contagem, segundo a naturalidade dos respectivos genealistas dessas famílias em Pirenópolis, encontrei:

- a) do Brasil, inclusive de Goiás 49
- b) de Portugal, inclusive Açores e Ilha da Madeira 51
- c) de origem africana, sem indicação de país 25
- d) da Suíça 1
- e) agnógenos 13
- f) A predominância de genealogias de origem portuguesa à primeira vista é uma surpresa, mas ela se torna menos supreendente recordando-se que, no Brasil Colônia, os principais cargos e postos das capitâncias eram atribuídos pela Coroa. A reinóis, portugueses de nascimento, em detrimento dos naturais da Colônia, com o que Portugal mantinha seu domínio.
- Das 51 famílias, cujos genealogias nasceram em alguma parte do Brasil, são eles originários de:

  - a) São Paulo 16
  - b) Goiás, inclusive de Pirenópolis 22
  - c) Minas Gerais 6
  - d) Bahia 3
  - e) Pernambuco 2
  - f) Rio de Janeiro 1
  - g) Maranhão 1

Reportando às origens de genealogias que fixaram residência em Pirenópolis ao longo dos séculos XVIII e XIX, os dois quadros estão longe de refletir as correntes migratórias para o Estado de Goiás; servem ambos apenas para possibilitar uma idéia esmaecida do que foram aquelas correntes no período considerado. É evidente que, se os estudos genealógicos de Jardas enfocassem Rio Verde ou

"Os Sírio-libaneses, impropriamente chamados de turcos, constituíram o principal contingente migratório estrangeiro para o Planalto Central neste século. No presente artigo o escritor Jacy Siqueira expõe os resultados de um estudo que empreendeu sobre o quase inédito assunto."

### Jacy Siqueira



Fernando Maderer

Jataí, Mineiros ou Iporá, os dois quadros traduziram realidade bem diversa, tanto em face do período considerado como em relação a nacionalidades e naturalidades dos genealistas. O mesmo se pode afirmar, caso o escritor pirenopolino tivesse escrito para seus estudos Catalão ou Ipameri, Pires do Rio ou Anápolis.

Entretanto, os dois quadros, levantados na importante obra de Jarbas Jayme, não exibem um retrato tão ruim quanto se imagina. Como uma amostra, gem, eles acentuam e deixam nítidos traços peculiares do ciclo do ouro de Goiás, as possíveis origens das famílias que ajudaram a construir as mais antigas cidades goianas: Goiás, Pirenópolis, Santa Cruz de Goiás e outras, todas emergidas num período em que as autoridades portuguesas fecharam os caminhos (ou tentaram fechá-los) para as Minas dos Goiases, declarando indesejável, e até proibida, a presença nelas de quem não fosse português ou da guarda Capitania de São Paulo, como narram antigos documentos.

No século XIX as regras contrárias à imigração estrangeira para o Brasil foram sensivelmente suavizadas, quer no advento da Independência, por necessidade estratégica, isto é, como meio de obter forças para o caso de guerra contra Portugal, quer ao longo do período monárquico de Dom Pedro I, sobretudo a partir de seu primeiro casamento, quando o Brasil recebeu missões científicas de países como a Áustria, França etc. Mas foi o Imperador Dom Pedro II o grande incentivador e promotor da intensificação de correntes migratórias da Europa para o Brasil, como ainda hoje atestam as colônias de italianos, alemães, poloneses etc., que se localizaram principalmente em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em Goiás, limitando-me à cidade de Goiás, encontram-se indicações e indícios de permanência e residência de estrangeiros: chácara do Baumann, que depois veio a ser por mais de duas décadas a residência de um dos ilustres goianos.

No século XX multiplicam-se as correntes migratórias para Goiás. De memória e sem ordem cronológica: alemães, espanhóis, italianos, e até mesmo uma família escocesa (em Itaberá); jordanenses, suíços, franceses, holandeses, poloneses e, mais tarde, russos, gregos, americanos e gente de outras nacionalidades que ainda não identificou, escapando isto do âmbito de meus propósitos. Entre eles, mas como uma vanguarda precursora, já pelo limiar do século XX, Oscar Leal (1892), em Viamão às Terras Goianas, refere-se a um certo Nicolau Joseph ou Joseph Nicolau (o próprio dentista-viandante confessou não saber ao certo), francês que teria sido o primeiro fabricante de cerveja em Goiás, e a um Cunha, "rapaz d'álém mar", mas presença na cidade de Goiás de Miguel Dhaer, já se assimila a

nos — Dr. Sebastião Fleury Cu-  
mão —, e Moretti Foggia, que se transformou no topônimo de uma das principais ruas da ex-capital goiana. Outras houve-ram, no que creio firmemente, mas delas não tenho informa-ções.

Oscar Leal (1892), em Viamão às Terras Goianas, refere-se a um certo Nicolau Joseph ou Joseph Nicolau (o próprio dentista-viandante confessou não saber ao certo), francês que teria sido o primeiro fabricante de cerveja em Goiás, e a um Cunha, "rapaz d'álém mar", mas presença na cidade de Goiás de Miguel Dhaer, já se assimila a

nos — Dr. Sebastião Fleury Cu-  
mão —, e Moretti Foggia, que se transformou no topônimo de uma família escocesa (em Itaberá); jordanenses, suíços, franceses, holandeses, poloneses e, mais tarde, russos, gregos, americanos e gente de outras nacionalidades que ainda não identificou, escapando isto do âmbito de meus propósitos. Entre eles, mas como uma vanguarda precursora, já pelo limiar do século XX, Oscar Leal (1892), em Viamão às Terras Goianas, refere-se a um certo Nicolau Joseph ou Joseph Nicolau (o próprio dentista-viandante confessou não saber ao certo), francês que teria sido o primeiro fabricante de cerveja em Goiás, e a um Cunha, "rapaz d'álém mar", mas presença na cidade de Goiás de Miguel Dhaer, já se assimila a

**COMEÇA A INVASÃO ÁRABE**  
Observei de imediato: ainda não consegui precisar quando o mascate apareceu em Goiás. Tomado o termo no seu sentido literal, pode-se afirmar que ele aqui chegou junto com as levas de mineradores e aventureiros nos primeiros tempos das Minas dos Goiases. E é, pelo menos, o que se encontra nas "Notícias do julgado de Santa Cruz em 1783", confirmando sua presença pelos caminhos e nas vilas e arraias goianas de então: "Há em o dito arraial do Bonfim (Silvânia) 42 escravos faiscadores pertencentes a todos e também há dez tavernas, os mascates de fazenda (tecido) poucos dias se demoram em o dito arraial..."

O mascate, neste estudo considerado, somente o trem de ferro, ou a antiga jardineira, podia trazer, embora alguns tênhamb alcancado várias cidades goianas, para mercadejar, levando suas malas em lombo de burro. Ele, porém, não pode ser confundido com o tropeiro ou com os cometes, que Oscar Leal qualificou de "agentes viajantes de casas comerciais do Rio de Janeiro e S. Paulo". Vou descrevê-lo.

Era o mascate, em geral, de estatura mediana para alta, bem posto, de bons músculos e dentes. Falava algaravia, fazendo-se entender e entendia a fala da gente de uma pátria que não era a sua, em que era o estrangeiro, o "turco", palavra às vezes pronunciada como insulto, outras vezes denotando estima. Usava calças largas, folgadas, com bolsos fundos, onde guardava maços de notas separadas pelos respectivos valores:

as menores de um lado e as maiores do outro. No bolso traseiro trazia um grande lenço, amarrado, de frequente uso para enxugar o suor do rosto, da nuca e axilas. Bons calçados, mas não de luxo; camisa de tom alegre e gravata idem, completando a vestimenta o paletó, que nunca combinava com as calças.

Calmo e paciente com todos, adultos e crianças, jovens e velhos, mas sem medo de enfrentar o desconhecido ou o desafeto, e dotado de notável espírito que nunca conseguia com as coisas da nova pátria, que é o que faz a grandeza das nações.

Não sei ainda precisar quantos desses descendentes árabes emigraram para Goiás, mas posso assinalar que, quando o último soldado francês, em 1946, deixou o território do Líbano, ou antes, em 1941, quando a França declarou o Líbano nação independente, alguns desses homens e mulheres se descobriram libaneses. Daí, nestas noites, o duplo gentílico: sírio-libanês.

É o caso de Calixto Miguel Daher, pai do informante Said e avô do conhecido letrista e arquiteto Otavinho Daher, que o século XX encontrou já em Uberaba, Minas Gerais, ou de David Abdalla, pai do informante advogado Mauro Rassi e avô do saudoso médico humanitário Elia Helou Júnior, falecido em Goiânia.

Disse antes, só o trem de ferro poderia ter trazido para Goiás o mascate, quando devem ter dito os sírio-libaneses. A primeira base de operação (dizemos assim) desses descendentes árabes para invadir Goiás foi Uberaba. De lá, pela antiga Santa Rita (Itumbiara) alcançaram o sudoeste goiano, e de Caiapônia foi natural Alfredo Nasser. Com a ferrovia já em Araguari, Minas Gerais, passaram para essa cidade, daí chegando a Catalão e, por Corumbá e Morrinhos, de novo vieram acesso ao sudoeste.

Na segunda década do século, mudaram sua base de operação para Ipameri, precisamente para Roncador, na margem esquerda do rio Corumbá, mas foi querida do rio Corumbá, mas foi de Ipameri que subiram o planalto para atingir Luziânia, Corumbá e chegar a Goiás ou, passando por Santa Cruz, Bela Vista, Campinhos, Inhumas, Itaúçu, Itaberaí e de novo desguar em Goiás, a ex-capital.

José Asmar, no artigo aqui já citado, caracterizou muito bem a ligação do trem de ferro com o movimento migratório sírio-libanês em Goiás: "E Abrahão Jorge Asmar desembarca, vindoa ponta dos trilhos da Estrada de Ferro Goiás, encalhada nas lonjuras de Bonfim. Traz um menino, Miguel, do Líbano, duas filhas (Saidá e Adélia) de Ipameri, uma (Amélia) de Bonfim, últimos berços para o nômade que estaciona de modo a nunca mais sair. Perde, na infância, o primeiro rebento anapolino".

Enquanto escrevia, tentava descobrir em qual arraial, povoado, distrito ou cidade goiana não chegou nenhum síriolibanês. Fixei, a princípio, Santa Cruz de Goiás. Já escolhida a localidade, logo bati na testa. Não de há ver que, exatamente aí, meu tio paterno Orcesino Alves de Siqueira encontrou a senhorita Warda Abdalla e com ela se casou?

Como se percebe, os árabes invadiram Goiás, envolveram Goiás, que conquistaram sem derramamento de sangue. ALGUNS PATRONÍMICOS E ALFABETIZADOS, de famílias clássicas chegaram ao Brasil com alguma economia, com dinheiro nos bolsos, e houve mesmo quem, trazendo algum capital, sem ele ficou durante a viagem, feita de navio e que durava cerca de três meses.

David Abdalla, recém-casado, embarcou com destino ao Brasil acompanhado de sua família e da mercadoria. Mas... Quem sabe do minuto seguinte? Um descuido, e o fogo, aticado por alguém no mato em torno,

meri, além dos Fayd e dos Damer, ainda e apenas de memória, registro: Cosac, Cecílio e outros, em Vianópolis os Rassi, dos quais, hoje em Goiânia e no Estado de Goiás, se destacam descendentes nos campos da medicina, da engenharia e na

micos de origem europeia, na Idade Média, se formaram, em regiões de línguas latinas ou neolatinas, pelo acréscimo de um sufixo ao nome do pai da criança batizada; em Portugal, o sufixo "es" (e & s). Assim, o Joaquim, filho do Álvaro foi chamado de Joaquim Álvares; o Manuel, filho do Rodrigo, recebeu o nome de Manuel Rodrigues; o José, filho do Fernando, ficou José Fernandes.

A tradição árabe — para distinguir o nome do filho do nome do pai — é muito mais antiga, surgida em tempo muito anterior à Idade Média. O filho recebia o nome do pai acrescido do "ibn" (i, b mud, n), mas essa prática não anotou entre os sírio-libaneses de Goiás. Uma outra, também antiquíssima, sim. Ainda na velha Síria, Abdalla Bassi deu ao filho o nome de David, que veio a ser o David Abdalla, emérito dadao em Pires do Rio. Neste caso, o nome do pai passa a patronímico do filho.

Anísio Jorge chegou em Pires do Rio em 1926, trazendo seu primogênito, com cinco anos de idade: Jorge Anísio (nele também a mudança do nome em patronímico), meu informante, que em seus filhos restaura o patrônimo paterno, assim como David Abdalla fez com seus filhos: Rada e Mauro Rassi. Tenho anotado exceções determinadas pela vontade do pai: Se me (apelido familiar; significa sublime, elevado), registrado professor universitário, em quem senti as qualidades de dedicação e humanismo, que o cancer levou "desta vida descontente", roubando eu de Cátia agora, não consegui registrar um único caso do uso do "ibn", mas de outros que despertam a curiosidade.

Em Pires do Rio vieram, sem que fossem filhos uns de outros, o David Abdalla e Abdalla David; o Abrão João Calil (Calil com c), de estatura baixa, soridente e introvertido, tinha sua loja de frente do Abrão José Kalil (Kalil com k), bem alto, extrovertido, barulhento. Mas o Jorge, filho de Dib Skaff, ficou com o nome de Jorge Dib Skaf. Anísio Jorge já residia em Pires do Rio para mais de 20 anos, e lá abriu loja na praça central da cidade, A nísio Jorge, diferenciando-se um do outro

apenas pela troca da letra "s", em Anísio, pela "z". Fui informado, porém, que o Anísio (com z) de fato era Anísio Jorge. Há outros casos, porém os aqui apresentados são suficientes à ilustração.

#### TURAIS SÍRIO-LIBANESES

O Império Romano dominou militarmente a Grécia e esta subjugou culturalmente aquele, perdurando essa sujeição pelos séculos afora, desdobrando-se nos povos latinos ou neolatinos. Parece-me que o antiquíssimo feito já está se configurando e se repete em Goiás.

Em São Paulo, por exemplo, é fácil perceber a influência italiana em quase todos os aspectos sociais, inclusive a presença de expressões e locuções da língua de Dante no linguajar popular.

No sul, nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sente-se a influência — por lá muito saliente, dependendo da região de cada um desses estados — de italianos, poloneses e alemães. No Brasil inteiro, os termos emigrados para a língua pátria nissei e sansei designam, respectivamente, o filho e o neto de emigrantes japoneses. Entretanto, nem mesmo em Goiás, onde a maior colônia de estrangeiros até hoje é a sírio-

libanesa, apareceu uma palavra, um neologismo designativo de filhos ou neto de seu genearcas.

Também pesquisador do Folclore, já tendo publicado Despontar da Goianidade, um estudo comparativo das manifestações folclóricas, goianas com as semelhantes de outras de localidades brasileiras, venho tentando determinar as contribuições sírio-libanesas nesse sensível e significativo ramo do conhecimento humano. Confesso: pelo menos até o presente, muito pouco consegui. Talvez isso se deva ao fato de os geneearcas sírio-libaneses aqui em Goiás, sob o peso das dificuldades de comunicação e do meio, portanto a conceder suas filhas em casamento aos naturais, assim quebrando a natural corrente de transmissão de elementos folclóricos de uma para outra geração, ou do árabe para o brasileiro. Pessoalmente, considero normal essa desconfiança, emergente das profundas e substanciais diferenças de língua: na linguagem o homem e sua história.

Discreto e simples no trajar, mas com exceções, parece que os geneearcas sírio-libaneses em Goiás tinham uma postura pertinente a vida muito parecida com a do bandeirante, como mostrado por Alcântara Machado no seu magnífico *Vida e morte do bandeirante*. A outros queriam jóias, peças de ouro e preciosas, para si, suas mu-

lhers e filhos. Isto, porém, não significava descuido com a casa de residencia, o lar. Ao contrário, gostavam de casas boas e confortáveis, evidenciando isto o sobrado dos Fayad em Catolão, já indicado para tombamento pelo Patrimônio Histórico e Artístico de Goiás, e várias casas

"turco" está presente. É o sábio, o esperto, capaz de enganar o roceiro, sempre levando a melhor. Ao contrário do português, é eterna vítima, constantemente enganado pelo caipira. A propósito, Augusto de Faro Fleury

Curado, no seu diário de 1896

— Uma viagem a Goiás —, an-

tou em Araguari, 29 de agosto:

“Aí presenciei cena original, que não queria deixar de contar. O vendelhão, velho português, barrigudo, assentado à califour-

chon sobre o balcão; a um canto, de cócoras, um caipira de olhar velhaco, magro, chapéu

de palha, examinava um rolo de fumo. — Oncê me diga cá uma coisa: esse fumo é de Guaiacú ou de Minas? — De Goiás, está bis-

to, homem! — Vamo negocia — Não bendo metro: ou vai o rolo, ou nada. — Qual vai por dois tustão e 12 ovos, serve? — Bem, bamos com isso! — O cai-

pira piscava os olhos, ri-se e do rolo ia fazendo um cigarro, que acendeu, e, montando a cavalo, partiu dizendo: — Até às visitas... O português ficou com uma cara! Foi tolo.”

Para salientar o contraste,

como uma ouvida ao tempo de



Fernando Maderla

minha meninice em Pires do Rio.

Depois de muita peleja, o “turco” conseguiu vender uma calça a um roceiro, sob a garantia de que jamais ela iria encalhar. Solicito com o cliente, facilmente trocar a peça de roupa ali mesmo na loja. O roceiro saiu para umas voltas pela cidade e, advindo a tarde, foi colhido por uma chuva, que o molhou inteiro à falta de um abrigo. Molhado, a calça se encolheu, subindo tanto a barra a deixar nuas as canelas do caipira. Indignado, foi tirar satisfação com o “turco”. Este, ao ver chegar o freguês enganado, gritou logo: — Cumbadre, como

Parece que os geneearcas sírio-libaneses não queriam deixar, pelo menos em Goiás, os seus usos e costumes, seus contos tradicionais (os de origem árabe aqui chegaram através de livros, traduzidos por expressivos nomes das letras nacionais); suas danças e instrumentos musicais etc. Nada disso faz parte

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

los sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

los sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

los sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

los sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

los sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

los sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

los sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

los sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

los sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

los sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

los sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

sírio e ariche. O quibe-eru, assado, enrolado ou achatado (forrado com z) de fato era Anísio Jorge. Há outros casos, porém os aqui apresentados são suficientes à ilustração.

#### AS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS SÍRIOS-LIBANESES

O Império Romano dominou subjugou culturalmente aquele, perdurando essa sujeição pelos séculos afora, desdobrando-se nos povos latinos ou neolatinos. Parece-me que o antiquíssimo feito já está se configurando e se repete em Goiás.

Em São Paulo, por exemplo, é fácil perceber a influência italiana em quase todos os aspectos sociais, inclusive a presença de

expressões e locuções da língua de Dante no linguajar popular.

No sul, nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sente-se a influência — por lá muito saliente, dependendo da região de cada um desses estados — de italianos, poloneses e alemães. No Brasil inteiro, os termos emigrados para a língua pátria nissei e sansei designam, respectivamente, o filho e o neto de emigrantes japoneses. Em algumas famílias, chegando a sexta geração, sente-se que nos usos e costumes, a cultura árabe não é tão evidente na sociedade goiana como a italiana.

A impressão que tenho é que, por algum fator sociológico ou psicológico, os sírio-libaneses chegam a Goiás com o desejo de ficar, mas também com poderosa vontade de integrar seus herdeiros e descendentes na sociedade que os recebera. Hoje em dia, quando economicamente ativa a terceira geração da gente de sangue árabe, e já estão aí as quarta e quinta gerações frequentando as escolas e, em algumas famílias, chegando a sexta geração, sente-se que nos usos e costumes, a cultura árabe não é tão evidente na sociedade goiana como a italiana.

Em algumas famílias, chegando a sexta geração, sente-se que nos usos e costumes, a cultura árabe não é tão evidente na sociedade goiana como a italiana.

A impressão que tenho é que, por algum fator sociológico ou psicológico, os sírio-libaneses chegam a Goiás com o desejo de ficar, mas também com poderosa vontade de integrar seus herdeiros e descendentes na sociedade que os recebera. Hoje em dia, quando economicamente ativa a terceira geração da gente de sangue árabe, e já estão aí as quarta e quinta gerações frequentando as escolas e, em algumas famílias, chegando a sexta geração, sente-se que nos usos e costumes, a cultura árabe não é tão evidente na sociedade goiana como a italiana.

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “batrícios” — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepções e não delongar mais estas notas. Po-

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão ríos na escolha de seus gêneros e “

# RESENHA

# RESENHA

# O Morto no Elevador

Menezes Y Moraes

Ninguém sabia porque aquilo estava se tornando tão difícil. O morto ficou enorme dentro do elevador, de repente; que tamanho tinha o morto? Todo mundo fazia força mas ninguém conseguia mover a tampa, sequer um trisco e o morto crescia a cada minuto, numa porta de inchão e mistério, "assombrado, aquilo — pensou — por que somente agora o morto continua crescendo, inchando?". Por via das dúvidas, conseguiram abrir os olhos do morto — apesar dos protestos de alguns — e os olhos pareciam vivos, a boca quase falar.

A essas alturas, o caos fora institucionalizado em todo edifício e as reclamações saíam de outros andares, onde ninguém sabia ainda do fato e todos insistiam em apertar o botãozinho do elevador, um homem pediu licença, mas ninguém saía ainda do fato e todos insistiam em apertar o botãozinho do elevador, um homem pediu licença, mas pre-

cisava pedir aos moradores que tivessem um pouco mais de solidariedade humana e usassem o elevador de serviço, aquele era impossível, com aquele morto dentro dele. Inchando cada vez mais ocupando espaço, que coisa mais desagradável para a cidade e o morto continua crescendo. Aquela altura não era mais possível guardar segredo.

Um dos presentes teve a brilhante idéia de telefonar para Sua Santidade, o Papa, para que viesse benzer aquele ente, extraterreno — só pode! — pois ninguém nunca viu cristão algum crescer, inchar nesse estado, depois de morto, "inchando, quebrando o caixão?". O funcionário do Vaticano bebeu o espan-

to, na distância da linha, e informou que sua Santidade, o Papa, naquele minuto estava no banheiro ocupado com seus afazeres físicos, pessoais e intratransferíveis.

Coitado do morto, crescendo, enorme, não tinha mais espaço no elevador, a tragédia durava já cinco horas, telefonaram para a imprensa, a imprensa chegou, o morto ia dar uma entrevista coletiva. "Eu sou o meio, o começo, e o fim", era a voz do morto, todos juraram, o teipe confirma e a vizinha do andar de cima perguntou coro o morto se chamava, "sabe como é, ele morava ali, há quase 15 anos, mas sabem como é, a gente quase não se vê, não há tempo, somos consumidos pela agitação da vida, do corre-corre..." a madame se desculpava.

Quando abriram a tampa do caixão pela segunda vez, o morto deu uma gargalhada muito forte (saiu no fantástico, aquele show), foi uma gargalhada vermelha (comentários contidos no editorial), "que mexesse naquilo via participação pública onde uma ou duas pessoas escolhem todos", dizia o morto, para maior espanto de todos. "Também não é possível deixar o pobre morto nesse ambiente apertado", observação de uma senhora, a direita. Outra do andar de baixo achegou-se à porta do elevador, esticou o pescoço e informou a todos com seu jeito urbano que o passo tempo de morto, enquanto ser vivo, era brincar na praia, construindo castelos de areia. "Outras vezes, ele andava em meio às cavernas, escondido em seu

periscópio", lembrou-se por fim todos.

E o tempo era uma forte zuada, brabo cogumelo atômico, tônico, cabeça quebrada, jogo de xadrez. Depois, ninguém contrada pelas autoridades foi a de que o povo espiaasse o espetáculo da casa-alfa-maior-constelação. Tudo seria retransmitido ao vivo, para todo país, via Embratel, garantiram porta vozes, representando sua excelência, el governo e chegou a hora da grande cadeia nacional da integração, ao vivo, diretamente do elevador, onde o morto continuava inchando.

Nos motéis, os amantes deram um tempo (que ninguém é de ferro), o general maior interrompeu uma inauguração importante o trânsito pior o povo sumado: aquilo ocuparia o espaço nas conversas nacionais pelo menos por uns 20 dias e isso era bom, porque ninguém falava nem da política nem da economia, aliás em estado crítico, sitiadas e os olhos se abriram diante as filmagens do inexplicável crescimento do morto". A política é assim, uma discussão ociosa", dizia o morto e as pessoas exclamaram sentinelas velas acesa procissão: o morto esta santificado. Um repórter já tinha todo o perfil do morto.

— Comia enlatados bebia engarrafa-dos tinha toda uma vida de firma recocinhado.

Os columnistas políticos concluíram que o consumidor da era assim supermercados templos do consumo tem o poder milagroso de voltar à vida depois da morte. O morto falou que "todos nós somos matéria da dúvida".

Aquele era o andar certo, as senhoras e os senhores bem vestidos foram deixando o elevador — décimo sexto andar — limpo e estreito, lado a lado, maranhando um dois, um dois, números, olhares, até chegaram ao consultório, onde lia-se a inscrição: "O homem só é pleno em sua loucura". Entraram e a secretária pediu com simpatia "favor sentar" e os olhos de todos percorriam com avidez a leitura de mais cartazes, como "somos aqueles que nos levantamos da cama todos os dias", mas ai já foi

o psiquiatra, com seu sorriso de sete bocas, onde 365 dentes apontavam o beijo louco da morte.

Todos juram que viram a marquinha discreta do batom lilás, trocam beijos, como se o homem fosse um deus de outra galáxia morta, que viera salvar a tudo e a todos no planeta instante Terra. O psiquiatra agradeceu, ele sabia que aquilo tudo era ilusão de aquarius, os peixes, o câncer apodrecido na ferida vida sete mil matérias. Todos tinham seus cartões de perguntas ao computar e fizera um círculo para uma análise da resposta: "Somos a matéria do absurdo, cagamos todo dia ipsilon ditaduras".

\* Menezes Y Moraes é poeta e contista, presidente do Sindicato de Escritores do DF. Endereço para correspondência: SQN 116, Bl. H. Ap. 618. 70.773 — Brasília D.F.

## A TERRA PEDE ÁGUA

Washington Novaes — Coletânea de artigos em que o autor, jornalista de renome nacional, radicado no Planalto Central, discorre sobre diversos temas ambientais, estudos em torno da critica em torno da ECO — 92 e que lhe valeram o Prêmio ESSO de jornalismo, 1992, em Ecologia. Ed. Sematec, Brasília, 1992, 95 págs.

## ABRA A BOCA E CALE O BICO

— Por Alexandre Mascarenhas. São dez contos ligeiros, ambientados em Brasília e na região. O autor, Alexandre Mascarenhas, graduou-se em jornalismo pela UnB, tendo escrito para os jornais da cidade e passado pelo teatro infantil e pela publicação de um livro de poesias. THESAURUS, Brasília, 1992, 80 páginas e ilustrações.

## O SAPATO ALTO E A PAZZ MUNDIAL

por Márcio Cotrim — conhecido cronista de Brasília, com várias obras publicadas, ex-secretário de Cultura do DF. Márcio Cotrim traz-nos neste "livro" 62 crônicas de última geração, abrangendo vasta gama de assuntos, com ênfase nos brasilienses. Plural Editora, Brasília, 1992 — 210 págs.

## A TERRA PEDE ÁGUA

Washington Novaes — Coletânea de artigos em que o autor, jornalista de renome nacional, radicado no Planalto Central, discorre sobre diversos temas ambientais, estudos em torno da critica em torno da ECO — 92 e que lhe valeram o Prêmio ESSO de jornalismo, 1992, em Ecologia. Ed. Sematec, Brasília, 1992, 95 págs.

## ABRA A BOCA E CALE O BICO

— Por Alexandre Mascarenhas. São dez contos ligeiros, ambientados em Brasília e na região. O autor, Alexandre Mascarenhas, graduou-se em jornalismo pela UnB, tendo escrito para os jornais da cidade e passado pelo teatro infantil e pela publicação de um livro de poesias. THESAURUS, Brasília, 1992, 80 páginas e ilustrações.

## O SAPATO ALTO E A PAZZ MUNDIAL

por Márcio Cotrim — conhecido cronista de Brasília, com várias obras publicadas, ex-secretário de Cultura do DF. Márcio Cotrim traz-nos neste "livro" 62 crônicas de última geração, abrangendo vasta gama de assuntos, com ênfase nos brasilienses. Plural Editora, Brasília, 1992 — 210 págs.

## A TERRA PEDE ÁGUA

Washington Novaes — Coletânea de artigos em que o autor, jornalista de renome nacional, radicado no Planalto Central, discorre sobre diversos temas ambientais, estudos em torno da critica em torno da ECO — 92 e que lhe valeram o Prêmio ESSO de jornalismo, 1992, em Ecologia. Ed. Sematec, Brasília, 1992, 95 págs.

## ABRA A BOCA E CALE O BICO

— Por Alexandre Mascarenhas. São dez contos ligeiros, ambientados em Brasília e na região. O autor, Alexandre Mascarenhas, graduou-se em jornalismo pela UnB, tendo escrito para os jornais da cidade e passado pelo teatro infantil e pela publicação de um livro de poesias. THESAURUS, Brasília, 1992, 80 páginas e ilustrações.

## O SAPATO ALTO E A PAZZ MUNDIAL

por Márcio Cotrim — conhecido cronista de Brasília, com várias obras publicadas, ex-secretário de Cultura do DF. Márcio Cotrim traz-nos neste "livro" 62 crônicas de última geração, abrangendo vasta gama de assuntos, com ênfase nos brasilienses. Plural Editora, Brasília, 1992 — 210 págs.

## A TERRA PEDE ÁGUA

Washington Novaes — Coletânea de artigos em que o autor, jornalista de renome nacional, radicado no Planalto Central, discorre sobre diversos temas ambientais, estudos em torno da critica em torno da ECO — 92 e que lhe valeram o Prêmio ESSO de jornalismo, 1992, em Ecologia. Ed. Sematec, Brasília, 1992, 95 págs.

## ABRA A BOCA E CALE O BICO

— Por Alexandre Mascarenhas. São dez contos ligeiros, ambientados em Brasília e na região. O autor, Alexandre Mascarenhas, graduou-se em jornalismo pela UnB, tendo escrito para os jornais da cidade e passado pelo teatro infantil e pela publicação de um livro de poesias. THESAURUS, Brasília, 1992, 80 páginas e ilustrações.

## O SAPATO ALTO E A PAZZ MUNDIAL

por Márcio Cotrim — conhecido cronista de Brasília, com várias obras publicadas, ex-secretário de Cultura do DF. Márcio Cotrim traz-nos neste "livro" 62 crônicas de última geração, abrangendo vasta gama de assuntos, com ênfase nos brasilienses. Plural Editora, Brasília, 1992 — 210 págs.

## A TERRA PEDE ÁGUA

Washington Novaes — Coletânea de artigos em que o autor, jornalista de renome nacional, radicado no Planalto Central, discorre sobre diversos temas ambientais, estudos em torno da critica em torno da ECO — 92 e que lhe valeram o Prêmio ESSO de jornalismo, 1992, em Ecologia. Ed. Sematec, Brasília, 1992, 95 págs.

## ABRA A BOCA E CALE O BICO

— Por Alexandre Mascarenhas. São dez contos ligeiros, ambientados em Brasília e na região. O autor, Alexandre Mascarenhas, graduou-se em jornalismo pela UnB, tendo escrito para os jornais da cidade e passado pelo teatro infantil e pela publicação de um livro de poesias. THESAURUS, Brasília, 1992, 80 páginas e ilustrações.

## O SAPATO ALTO E A PAZZ MUNDIAL

por Márcio Cotrim — conhecido cronista de Brasília, com várias obras publicadas, ex-secretário de Cultura do DF. Márcio Cotrim traz-nos neste "livro" 62 crônicas de última geração, abrangendo vasta gama de assuntos, com ênfase nos brasilienses. Plural Editora, Brasília, 1992 — 210 págs.

## A TERRA PEDE ÁGUA

Washington Novaes — Coletânea de artigos em que o autor, jornalista de renome nacional, radicado no Planalto Central, discorre sobre diversos temas ambientais, estudos em torno da critica em torno da ECO — 92 e que lhe valeram o Prêmio ESSO de jornalismo, 1992, em Ecologia. Ed. Sematec, Brasília, 1992, 95 págs.

## ABRA A BOCA E CALE O BICO

— Por Alexandre Mascarenhas. São dez contos ligeiros, ambientados em Brasília e na região. O autor, Alexandre Mascarenhas, graduou-se em jornalismo pela UnB, tendo escrito para os jornais da cidade e passado pelo teatro infantil e pela publicação de um livro de poesias. THESAURUS, Brasília, 1992, 80 páginas e ilustrações.

## O SAPATO ALTO E A PAZZ MUNDIAL

por Márcio Cotrim — conhecido cronista de Brasília, com várias obras publicadas, ex-secretário de Cultura do DF. Márcio Cotrim traz-nos neste "livro" 62 crônicas de última geração, abrangendo vasta gama de assuntos, com ênfase nos brasilienses. Plural Editora, Brasília, 1992 — 210 págs.

## A TERRA PEDE ÁGUA

Washington Novaes — Coletânea de artigos em que o autor, jornalista de renome nacional, radicado no Planalto Central, discorre sobre diversos temas ambientais, estudos em torno da critica em torno da ECO — 92 e que lhe valeram o Prêmio ESSO de jornalismo, 1992, em Ecologia. Ed. Sematec, Brasília, 1992, 95 págs.

## ABRA A BOCA E CALE O BICO

— Por Alexandre Mascarenhas. São dez contos ligeiros, ambientados em Brasília e na região. O autor, Alexandre Mascarenhas, graduou-se em jornalismo pela UnB, tendo escrito para os jornais da cidade e passado pelo teatro infantil e pela publicação de um livro de poesias. THESAURUS, Brasília, 1992, 80 páginas e ilustrações.

## O SAPATO ALTO E A PAZZ MUNDIAL

por Márcio Cotrim — conhecido cronista de Brasília, com várias obras publicadas, ex-secretário de Cultura do DF. Márcio Cotrim traz-nos neste "livro" 62 crônicas de última geração, abrangendo vasta gama de assuntos, com ênfase nos brasilienses. Plural Editora, Brasília, 1992 — 210 págs.

## A TERRA PEDE ÁGUA

Washington Novaes — Coletânea de artigos em que o autor, jornalista de renome nacional, radicado no Planalto Central, discorre sobre diversos temas ambientais, estudos em torno da critica em torno da ECO — 92 e que lhe valeram o Prêmio ESSO de jornalismo, 1992, em Ecologia. Ed. Sematec, Brasília, 1992, 95 págs.

## &lt;h

# POEMAS

# POEMAS

# POEMAS

# POEMAS

# POEMAS

Sirlei Maria Davi

## Cecília e eu

Vou ficar de boca fechada  
como há tanto tenho estado,  
sempre que a abro é um desastre,  
o coração fica magoado.  
Sem maldade é que eu falo,  
mas as pessoas deturpam tudo,  
então, me enclausuro, me calo,  
que pensem que sou um mudo.  
Dói a alma, chora o peito,  
dá uma tristeza esquisita,  
sem saber o que tinha feito,  
a mágoa cresce, palpita.

Sinto-me só, incomprendida,  
aí lembro de Cecília Merelles:  
"...projeto-me num abraço  
gero uma despedida.  
Que minha investida congele,  
que se entrase o meu passo,  
o que faço

é permanecer escondida".

\* Sirlei Maria Davi é poetisa com  
diversos livros publicados.  
Endereço: Rua Riachuelo 1521, ap.  
102  
90.010-271 — Porto Alegre — R.S.

Marcos Vinícius Moura

## Mensagem urgente

Nestes versos de infinável afeto,  
O teu corpo branco, de pêlos claros,  
É como este papel onde imprimo e projeto  
As nossas compensações que valem ouro,  
instantes raros.  
Com um impulso de amadurecido sentimento,  
redijo  
Símbolos de afinidade, em uma escrita,  
Que registra a tua sensual beleza, e me dirijo  
ao íntimo que me entregas irrestrita.  
O espaço que me cedes, cativa,  
Não é uma simples folha de papel em que, de  
permeio,  
Uso a expressão nesta mensagem, na expectativa  
De em breve nos encontrarmos, pois te anseio.

O espaço que me cedes, cativa,  
permeio,  
Uso a expressão nesta mensagem, na expectativa  
De em breve nos encontrarmos, pois te anseio.

João Carlos Mauger

## Reflexo

Narciso contemplou seu belo reflexo  
nas águas do rio  
e apaixonou-se perdidamente pela  
sua imagem.  
Eu olhei mais fundo,  
para além do reflexo,  
e vi peixes, pedras esculpidas pelo  
tempo,  
flores multicolores, cristais d'água  
e o reflexo azul do céu,  
tudo parte de mim.

Me apaixonei perdidamente pelo  
ser que contemplei.

\* J.C. Mauger é tradutor e poeta  
Endereço para correspondência: SOS  
305, Bl. D, ap. 304 70.352 —  
Brasília, DF.

Rômulo Andrade

## Um homem e uma mulher

A afiação que se propaga  
Em ambos os seres, torna imune  
A vida que envelhece a todo instante, e não se  
apaga,  
Pois a chama indiferente arde, e cada vez mais  
une.  
  
Na proporção em que se incute o desejo,  
Saciado ao atingir o ângulo inquieto,  
Adoçado no enlace com os beijos,  
Que se espalham nos corpos com sutil afeto.  
  
E toda a força deste entrosamento esmaga  
A angústia de um mundo amargo,  
Na liberdade o amor se afaga,  
Se alimentando com o gesto largo.

## CASSIANO NUNES

### **Hotel Mathias: uma estrela**

O Hotel Mathias  
tinha só uma estrela.  
Uma única estrela.  
Estrela solitária.

No entanto,  
para mim era bastante  
essa estrela singular.

Ela iluminava, ímpar,  
o meu quarto de solteiro,  
pobre como o de Van Gogh.

Transluzia  
nas ruas escurass  
de Santa Igênia,  
em que eu me perdia.

Inspirava, exclusiva,  
a minha solidão.

Endereço para correspondência:  
W-3 Sul, Q. 711, Bl. E, Casa 27  
70.361-050 — Brasília, D.F.

Fernando Madeira



## MARIA FÉLIX

### **Lua Negra**

Não quero dominar-te  
mundo real  
como a matéria em  
minhas mãos  
Há sombra em  
tua paisagem  
É a solidão humana

Fazer-te um diamante?  
Avança  
fim de século  
Avança  
Depois dessa lua negra  
centenária  
haverá claridade

América  
minha América  
contemporânea  
Como lapidar-te  
pedra bruta?

Maria Félix Fontele é jornalista e poeta.  
SQS 306, Bloco F, Ap. 402  
Brasília, D.F.